

# TRADUÇÕES INGLESAS DA BÍBLIA Por Qual Padrão?



WILLIAM O. EINWECHTER

TRADUÇÕES INGLESAS DA  
BÍBLIA:

*Por qual padrão?*

William O. Einwechter (Th.M.)

## Conteúdo

<u>Prefácio</u> .....	<u>5</u>
<u>Introdução</u> .....	<u>7</u>
<b><u>1. O Padrão Para Se Julgar as Traduções Inglesas da Bíblia</u></b> .....	<b><u>11</u></b>
<u>O Padrão Definido</u> .....	<u>11</u>
<u>A Doutrina da Inspiração Verbal-Plenária</u> .....	<u>12</u>
<u>A Doutrina da Preservação Providencial</u> .....	<u>16</u>
<b><u>2. A Aplicação do Padrão, Parte Um: Filosofias de Tradução</u></b> .....	<b><u>20</u></b>
<u>Filosofias de Tradução</u> .....	<u>20</u>
<u>A Tradução Por Equivalência Formal</u> .....	<u>21</u>
<u>A Tradução Por Equivalência Dinâmica</u> .....	<u>24</u>
<u>Inspiração Verbal e Filosofias de Tradução</u> .....	<u>28</u>
<b><u>3. A Aplicação do Padrão, Parte Dois: Crítica Textual</u></b> .....	<b><u>32</u></b>
<u>O <i>Textus Receptus</i></u> .....	<u>33</u>
<u>O Texto Crítico Moderno</u> .....	<u>36</u>
<u>Preservação Providencial e Crítica Textual</u> .....	<u>38</u>
<u>O <i>Textus Receptus</i> e a Preservação Providencial</u> .....	<u>39</u>
<u>O Texto Crítico Moderno e a Preservação Providencial</u> .....	<u>43</u>
<b><u>Conclusão</u></b> .....	<b><u>51</u></b>
<b><u>Apêndices</u></b> .....	<b><u>56</u></b>
1. <u><i>A Defesa Dos Textos Tradicionais Por John Owen</i></u> .....	<u>57</u>
2. <u><i>O Erro “King James Only”</i></u> .....	<u>70</u>
3. <u><i>Uma Amostra da Política de Traduções da Bíblia na Igreja</i></u> .....	<u>76</u>
4. <u><i>Lista Com Sugestões de Leitura</i></u> .....	<u>78</u>

William O. Einwechter (Th.M.) é um ministro ordenado e presbítero na Igreja Reformada Livre Immanuel em Ephrata, Pennsylvania. Ele, e sua esposa Linda, são pais de dez filhos.

© Copyright 2010 William O. Einwechter. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em qualquer forma sem a permissão por escrito do autor. Usado com permissão. Este folheto é uma reedição da maior parte do escrito original, publicado pela *Preston Speed Publications*, ISBN 1-887159-05-03.

Publicado nos EUA. A editora *Chapel Library* não necessariamente concorda com todas as posições doutrinárias dos autores que publica.

Em qualquer lugar do mundo, faça o download de material grátis do nosso site, ou entre em contato com o distribuidor internacional, conforme listado pelo seu país.

Na América do Norte, para cópias adicionais desta brochura ou outros materiais de séculos anteriores centrados em Cristo, entre em contato com:

*Chapel Library*

*2603 Oeste Rua Wright*

*Pensacola, Florida 32505 EUA*

*Telefone: (850) 438-6666 • Fax: (850) 438-0227*

[chapel@mountzion.org](mailto:chapel@mountzion.org) • [www.ChapelLibrary.org](http://www.ChapelLibrary.org)

## TRADUÇÕES INGLESAS DA BÍBLIA: *Por qual padrão?*

### Prefácio

Há pouco mais de um século atrás, a questão de qual é a melhor e mais confiável versão em Inglês da Sagrada Escritura nem sequer entraria na mente do cristão de língua inglesa. Naquela época, havia realmente apenas uma versão em uso, a Versão Autorizada (Rei Tiago, ou *King James 1611*). A Versão Autorizada há muito havia tomado o lugar das antigas versões em inglês e foi a Bíblia Inglesa padrão, reconhecida, usada e amada por quase todos os cristãos de língua Inglesa no mundo. A Versão Autorizada reinou incontestemente, como a versão em Inglês aprovada, por quase 300 anos. Durante esse período de tempo, as igrejas de língua Inglesa tiveram muitos problemas desconcertantes a considerar, mas um problema com o qual eles não tiveram de lidar foi o da questão de qual versão em Inglês era a melhor e mais fiel tradução da Sagrada Escritura. Nem o crente individual de língua inglesa teve que lutar com a decisão de qual a versão ele deveria usar.

Como as coisas mudaram! Hoje a igreja de língua Inglesa é confrontada com uma infinidade<sup>1</sup> de versões, cada uma reivindicando ser uma tradução *mais* “exata e fiel”, que faz com que a Palavra de Deus *seja* mais “compreensível” que as versões anteriores. Além de tudo isso, uma nova tradução parece surgir no mercado a cada poucos anos! Para o cristão estudioso, a situação relativa às versões da Bíblia em Inglês é preocupante e desconcertante. Para complicar ainda mais o problema, há falta de uma orientação clara sobre o assunto. Há muitas opiniões sobre o assunto, mas muito pouca análise bíblica do tema das traduções da Bíblia e das versões em inglês.

---

<sup>1</sup> **infinidade** - quantidade ou número *muito* grande ou excessivo.

O objetivo deste livro é o *de* ajudar a preencher esse vazio por: **1)** definir as doutrinas bíblicas que falam mais diretamente à questão das traduções da Bíblia e por **2)** aplicar essas doutrinas aos temas da filosofia de tradução, da crítica textual, e das versões em inglês. Ao fazermos isso, esperamos despertar a igreja para as questões teológicas que estão em jogo na tradução da Bíblia para o Inglês e fornecermos a igreja um critério bíblico para julgarmos entre as muitas versões em inglês. Armado com o padrão imutável da Palavra de Deus, o cristão, então, será capaz de determinar qual versão em Inglês é a melhor e mais fiel representação da Palavra de Deus em Inglês.

Este livro é uma apresentação concisa do assunto de traduções inglesas da Bíblia: não finge ser um tratamento exaustivo. Na parte posterior do livro, uma lista de *sugestões de* leitura oferece ao leitor um guia para um estudo mais aprofundado dos temas e das perspectivas apresentadas neste livro. Tenho sido enriquecido com cada um dos livros listados. Agradeço a Deus por cada autor e por sua contribuição para minha própria compreensão do assunto *que temos* em mãos.

## Introdução

Há agora pelo menos dezoito principais versões inglesas da Bíblia disponíveis<sup>2</sup> e bem mais de sessenta traduções do Novo Testamento<sup>3</sup> para o inglês. A questão que a igreja de língua inglesa enfrenta é a seguinte: Qual dessas muitas versões é a melhor (ou seja, a mais confiável)? Qual a versão em Inglês da Sagrada Escritura deve ser considerada a versão padrão?<sup>4</sup> Qual Bíblia deve guiar a igreja de língua Inglesa, que se dedica a aplicar toda a Bíblia, por toda a vida? Com a multiplicidade de versões em inglês, as reivindicações inflamadas dos editores bíblicos e o desacordo generalizado entre os cristãos sobre qual versão é a melhor, uma resposta definitiva para a questão de qual versão em Inglês é a mais confiável pode parecer inatingível. No entanto, a questão é de tal importância e de *tão* longo alcance que ela requer uma resposta.

---

<sup>2</sup> Essas versões são a Versão Autorizada (King James 1611); a American Standard Version (1901); Revised Standard Version (1952); a New American Standard Bible (1963); a Jerusalem Bible (1966); a New English Bible (1970); a New American Bible (1970); a Living Bible (1971); Today's English Version (1976); a New International Version (1978); a New King James Version (1982); a Revised English Bible (1989); a New Revised Standard Version (1990); a Contemporary English Version (1995); God's Word version (1995); a New Living Translation (1996); English Standard Version (2001); Holman Christian Standard Bible (2004).

<sup>3</sup> David M. Scholer, *Um Guia Bibliográfico Básico Para Exegese do Novo Testamento* (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1973), p. 72. Houve muito mais traduções do NT para o Inglês, uma vez que esta contagem foi feita em 1973.

<sup>4</sup> O padrão último e final são, naturalmente, os originais em Grego e Hebraico das Escrituras. A ortodoxia, visão protestante sobre a autoridade do texto Hebraico e Grego e a necessidade de traduções da Bíblia é declarado na Confissão de Fé de Westminster: "O Velho Testamento em Hebraico (língua vulgar do antigo povo de Deus) e o Novo Testamento em Grego (a língua mais geralmente conhecida entre as nações no tempo em que ele foi escrito), sendo inspirados imediatamente por Deus e pelo seu singular cuidado e providência conservados puros em todos os séculos, são por isso autênticos e assim em todas as controvérsias religiosas a Igreja deve apelar para eles como para um supremo tribunal; mas, não sendo essas línguas conhecidas por todo o povo de Deus, que tem direito e interesse nas Escrituras e que deve no temor de Deus lê-las e estudá-las, esses livros têm de ser traduzidos nas línguas vulgares de todas as nações aonde chegarem, a fim de que a palavra de Deus, permanecendo nelas abundantemente, adorem a Deus de modo aceitável e possuam a esperança pela paciência e conforto das escrituras". Esta declaração confessional é reproduzida textualmente na Confissão Batista de Londres de 1689 e na Declaração de Savoy (1658). Esta confissão Reformada concernente à inspiração e autoridade do original Hebraico e Grego das Escrituras, o cuidado providencial de Deus por aquelas Escrituras, e a necessidade de traduções da Palavra de Deus, é a preocupação da maior importância no debate atual sobre traduções inglesas da Bíblia. Assim, aqueles que sustentam que a tradução da Bíblia possui autoridade igual ou até mesmo maior do que os textos Hebraico e Grego estão seriamente equivocados e são totalmente não ortodoxos em seus pontos de vista. A autoridade de uma tradução é baseada na sua adesão ao texto original.

No entanto, alguns na igreja acreditam que não há nenhuma entidade como “a melhor versão em Inglês” e que mesmo fazer a pergunta de qual versão é o melhor é um equívoco. Por exemplo, Comfort afirma:

...Muitas vezes me perguntam: “Qual é a melhor tradução?” Invariavelmente eu respondo: “Melhor para quê? Para ler? Para estudar? Para memorizar? E a melhor para quem? Para jovens? Para adultos? Para os protestantes? Para os católicos? Para os judeus?” Minhas respostas não se destinam a ser complicadas; em vez disso, elas refletem a complexidade da situação real. Considerando que, para algumas populações de outras línguas há apenas uma tradução da Bíblia, as pessoas que falam Inglês têm centenas de traduções. Portanto, não se pode dizer que existe uma *única* melhor tradução que é a mais precisa. Precisão de tradução deve ser avaliada em termos do tipo de tradução que está sendo julgada<sup>5</sup>.

Além disso, Kubo e Specht, depois de condenar a KJV como “irremediavelmente anacrônica”, perguntam: “Mas se a KJV for abandonada, qual versão tomará seu lugar? Talvez nenhuma versão será suficiente para hoje. Esta pode muito bem ser uma era em que são necessárias várias versões. Se alguém pergunta: ‘Qual versão é a melhor?’ precisamos adicionar as perguntas ‘Melhor para quem?’ e ‘Melhor para quê?’”<sup>6</sup>. E Lewis sustenta que fazer perguntas tais como: “Qual versão devo ler?”, ou, “Existem problemas doutrinários nesta versão ou naquela?”, são como perguntar: “Qual carro devo dirigir?”<sup>7</sup> Na escolha de uma versão tudo depende, diz Lewis, do que você deseja extrair de uma tradução e se ela atende ou não às suas necessidades.<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> Philip W. Comfort, *O Guia Completo Para Versões da Bíblia* (Wheaton: Tyndale House Publishers, 1991), p. 89. Comfort sugere que o moderno leitor de língua Inglesa da Bíblia “fará bem em utilizar cinco ou seis traduções”. (ibid, p. 96).

<sup>6</sup> Sakae Kubo e Walter F. Specht, *Tantas Versões?* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1983), p. 337.

<sup>7</sup> Jack P. Lewis, *A Bíblia em Inglês: Da KJV à NIV* (Grand Rapids: Baker Book House, 1982), p. 365.

<sup>8</sup> Ibid.



Agora, se a escolha de uma versão da Bíblia é baseada unicamente em preferências pessoais (como escolher um carro para se dirigir), e se não existe um padrão, exceto a própria autônoma<sup>9</sup> razão do homem para se identificar a versão em Inglês mais confiável (e, segundo alguns, tal *coisa como uma* única melhor versão não existe), então talvez seja melhor para nós não nos preocuparmos ainda mais com este assunto. Se Comfort, Lewis, Kubo, e Specht estão certos, vamos simplesmente encorajar cada cristão e cada igreja a escolher a versão que mais gosta; deixá-los escolher a Bíblia em Inglês que é certa aos seus próprios olhos.

É nossa convicção, no entanto, *de* que esses homens (e outros que pensam como eles) estão seriamente enganados! Acreditamos que a escolha de qual versão em Inglês deve ser usada, como qualquer outra decisão tomada por um cristão, não é uma questão de preferência pessoal, mas uma questão de obediência pessoal aos princípios bíblicos. Não nos deixemos ser enganados: a Palavra de Deus concede uma orientação clara sobre o assunto das traduções da Bíblia, e a Igreja deve seguir essa orientação até a conclusão lógica de determinar a melhor e mais fiel versão em Inglês da Bíblia. Nada menos do que a integridade da verdade revelada está em jogo nesta controvérsia. Aquiescência<sup>10</sup> casual a um padrão de preferência pessoal nesse debate é tão inaceitável como o é no debate das questões morais, tais como divórcio, castidade, punição capital (*pena de morte*) e aborto.

O propósito deste livro é o de demonstrar que há um padrão objetivo que permitirá à igreja dissipar toda a presente confusão e incerteza na questão das traduções da Bíblia e determinar qual tradução é a versão mais fiel e confiável da Sagrada Escritura em Inglês. Jesus Cristo não deixou Sua igreja

---

<sup>9</sup> Ser autônomo é ser independente no exercício da autoridade; é o direito de auto-governo. Teologicamente falando, o homem é autônomo quando ele exercita sua mente e vontade independente da autoridade de Deus e de Sua Palavra. O homem autônomo afirma a autoridade da sua própria razão em ser o árbitro do que é verdadeiro e falso, do bem e do mal; o ponto *básico* de todo o seu pensamento inicial é que a sua própria razão é a autoridade máxima. Autonomia é a essência do pecado do homem e *de sua* rebelião contra Deus. O cristão deve rejeitar o padrão do homem autônomo e trazer todo seu pensamento cativo à obediência a Jesus Cristo e à Sua Palavra. O compromisso final da fé de cada cristão deve ser com autoridade absoluta da Palavra de Deus a fim de *que possa* interpretar e definir todos os aspectos da vida.

<sup>10</sup> **aquiescência** - consentimento.

sem orientação na questão crucial da tradução da Bíblia. Na primeira seção deste livro, vamos estabelecer a única norma *que é* adequada para julgarmos e avaliarmos traduções em Inglês da Bíblia. Na segunda e terceira partes do livro, vamos aplicar esta Norma aos dois principais problemas de tradução da Bíblia. Este procedimento permitir-nos-á decidir qual *das versões* é a Bíblia em Inglês mais confiável. A questão diante de nós nesta monografia é de grande importância. O futuro da igreja de língua inglesa exige nossos mais diligentes esforços para respondê-la.

## 1. O Padrão Para *Se Julgar as Traduções Inglesas da Bíblia*

Como a igreja determinará a melhor e mais fiel tradução em Inglês da Bíblia? Por qual padrão os cristãos podem avaliar as muitas versões diferentes em inglês? Devemos usar o senso comum e a razão? Devemos olhar para as ciências da linguística, da antropologia, da hermenêutica<sup>11</sup>, ou *para o* criticismo bíblico? Devem a facilidade de leitura e de compreensão serem o nosso padrão? Ou as reivindicações dos editores bíblicos e suas propagandas coloridas ao promoverem determinadas versões serem a nossa luz? Existe, afinal, um padrão objetivo que os crentes podem usar para julgar entre as muitas versões em inglês? Existe um guia autorizado que permitirá aos cristãos medirem todas as reivindicações concorrentes e chegarem a uma decisão clara e definitiva de qual versão é a melhor?

### **O Padrão Definido**

Há um padrão de autoridade para se julgar traduções da Bíblia, e este padrão é a própria Palavra de Deus. A Palavra de Deus fornece as doutrinas e os princípios necessários para orientar os cristãos na sua avaliação de versões em inglês. Como em qualquer questão que a igreja encara, temos de ir “à lei e ao testemunho”; e se não o fizermos, não haverá “nenhuma luz” em nós (Isaías 8:20). Como a *Confissão de Fé de Westminster* declara:

O Juiz supremo pelo qual todas as controvérsias religiosas são determinadas, e todos os decretos de conselhos, opiniões de escritores antigos, doutrinas dos homens e espíritos privados, serão examinados, e em cuja sentença devemos nos firmar, não pode ser outro senão o Espírito Santo falando na Escritura.

---

<sup>11</sup> **hermenêutica** - o ramo da teologia que lida com os princípios de interpretação bíblica.

Certamente, a questão da tradução inglesa da Bíblia é uma controvérsia atual; e neste debate, o “supremo Juiz” deve ser “o Espírito Santo falando na Escritura”. A nossa regra deve ser sempre ***sola Scriptura!*** Portanto, o único critério de autoridade para se julgar e avaliar as traduções inglesas das Escrituras deve ser o das doutrinas bíblicas que têm relação direta com a questão da tradução da Bíblia. Ou, declarando essa necessidade em outras palavras, o seu padrão para determinar se uma tradução é fiel ou é a doutrina Bíblica ou é alguma *outra* coisa a mais; ou é a verdade Bíblica ou é a razão humana. No debate sobre qual é a melhor versão em Inglês, simplesmente não há lugar para qualquer outra norma *senão* as doutrinas reveladas da Sagrada Escritura que se relacionam diretamente com a teoria e a prática da tradução da Bíblia. Mesmo na escolha de qual versão em Inglês *deve-se usar* para estudo pessoal e *para a* proclamação pública, o cristão deve estar “Destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo;” (2 Coríntios 10:5).

Várias doutrinas dizem respeito à questão da tradução da Bíblia; no entanto, duas grandes doutrinas servem como padrões primários de avaliação da qualidade e confiabilidade das diferentes versões inglesas. Estes padrões são a doutrina da inspiração verbal-plenária da Escritura e a doutrina da preservação providencial da Escritura.

### ***A Doutrina da Inspiração Verbal-Plenária***

A Bíblia não foi trazida à existência pela vontade do homem, nem foi produzida como os outros livros: a Bíblia é o produto da inspiração divina. A doutrina da inspiração divina é *aquela* que *afirma que* o Espírito Santo sobrenaturalmente guiou os autores humanos da Escritura de modo que o que eles escreveram foi a própria Palavra de Deus, livre de todos os erros e de todas as omissões. Packer diz: “[...]inspiração deve ser definida como uma influência sobrenatural, providencial do Espírito Santo de Deus sobre os autores humanos, que os levou a escreverem o que Ele desejava ser escrito

para a comunicação da verdade revelada a outros”<sup>12</sup>. Hodge concede a visão ortodoxa da inspiração das Escrituras: “Sobre este assunto a doutrina comum da Igreja é, e sempre foi, que a inspiração foi uma influência do Espírito Santo sobre as mentes de alguns homens selecionados, que os tornou ferramentas de Deus para a infalível comunicação de Sua mente e vontade. Eles foram em tal sentido, as ferramentas de Deus, que o que eles disseram Deus disse”<sup>13</sup>.

A doutrina da inspiração divina da Bíblia, que é ensinada em toda Escritura, é claramente estabelecida nas seguintes passagens:

Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; (2 Timóteo 3:16)

Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo. (2 Pedro 1:20-21)

Se alguém cuida ser profeta, ou espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor. (1 Coríntios 14:37)

Por isso também damos, sem cessar, graças a Deus, pois, havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade), como palavra de Deus, a qual também opera em vós, os que crestes. (1 Tessalonicenses 2:13)

Essas passagens declaram a origem divina e o caráter sobrenatural da Bíblia. Os apóstolos e os profetas não escreveram por sua própria vontade, mas eles escreveram por inspiração do Espírito Santo; portanto, a Bíblia é a Palavra de Deus. Os comentários de Calvino sobre 2 Timóteo 3:16 concedem um resumo admirável da visão cristã da inspiração: “... [N]ós sabemos que Deus falou a nós, e estamos totalmente convencidos de que os profetas não falaram suas próprias sugestões, mas que, sendo as ferramentas do Espírito

---

<sup>12</sup> J. I. Packer, *Fundamentalismo e a Palavra de Deus* (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1958), p. 77.

<sup>13</sup> Charles Hodge, *Teologia Sistemática*, 3 vols. (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, edição de reimpressão de 1981), 1: 154.

Santo, eles só pronunciaram o que tinha sido encomendado pelo céu que declarassem... a Lei e os Profecias não são uma doutrina entregue de acordo com a vontade e o prazer dos homens, mas ditadas pelo Espírito Santo”<sup>14</sup>.

A inspiração da Bíblia alcança cada parte da Escritura e as próprias palavras da Escritura. A doutrina da igreja é que a inspiração é **verbal** (ou seja, se estende às palavras reais), e é **plenária** (ou seja, estende-se a cada palavra em todas as partes). Cada parte e cada palavra da Bíblia é diretamente dada pelo Espírito Santo. O apóstolo Paulo ensina a natureza verbal de inspiração quando ele diz: “As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais.” (1 Coríntios 2:13). Nesse versículo, Paulo declara que ele e os outros Apóstolos falam as próprias palavras dadas a eles pelo Espírito de Deus.

A **doutrina** da inspiração **verbal-plenária** é negada pelo que é conhecido como a **visão dinâmica** ou **conceitual** da inspiração. Este ponto de vista de inspiração alega que a Revelação de Deus nas Escrituras é limitada às doutrinas e conceitos nela contidas e não se estende às próprias palavras do texto. Os proponentes desta visão afirmam que Deus só deu aos escritores da Bíblia os pensamentos e os conceitos que Ele queria dar a conhecer e, em seguida, permitiu que os escritores expressassem essas ideias em quaisquer palavras que eles podiam escolher<sup>15</sup>. Assim, o ponto de vista conceitual ensina que as palavras reais usadas na Bíblia não são essenciais para a nossa fé: apenas as ideias ou doutrinas são necessárias. Portanto, de acordo com essa visão, os homens se ligam apenas para o que a Bíblia tem a intenção de ensinar e não para as palavras que os Apóstolos e Profetas efetivamente utilizaram.

---

<sup>14</sup> João Calvino, *Comentários sobre as Epístolas a Timóteo, Tito e Filemon*, trad. [para o inglês] de William Pringle (Grand Rapids: Baker Book House, reedição, 1989), pp 248-249.

<sup>15</sup> Pinnock concede a expressão de uma visão conceitual de inspiração, quando afirma: “A inspiração deve ser vista como um trabalho dinâmico de Deus. Nele Deus não decide toda a palavra que é usada, uma por uma, mas trabalha nos escritores de tal maneira que eles fazem pleno uso das suas próprias habilidades e vocabulário, dando expressão à mensagem divinamente inspirada que tem sido comunicada a eles e através deles”. Clark H. Pinnock, *O Princípio da Escritura*. (San Francisco: Harper & Row, Publishers, 1984), p. 105; cf. também pp. 63-64.

O ponto de vista conceitual (ou dinâmico) de inspiração é certamente um erro. Afora o fato óbvio de que pensamentos e ideias devem ser necessariamente comunicados por meio de palavras, a afirmação explícita dos autores das Escrituras é de que Deus revelou Suas palavras para eles. Jeremias diz: “E estendeu o SENHOR a sua mão, e tocou-me na boca; e disse-me o SENHOR: Eis que ponho as minhas palavras na tua boca;.” (Jeremias 1: 9). Os profetas não afirmaram que **os pensamentos** do Senhor vieram a eles, mas que **a palavra** do Senhor foi-lhes dada. E, como mencionado acima, 1 Coríntios 2:13 ensina claramente que o Espírito Santo deu aos Apóstolos as palavras reais que eles estavam escrevendo. Além disso, a Escritura contém uma advertência contra adulteração das palavras da Escritura (Deuteronômio 12:28, 32; Apocalipse 22:18-19). Também deve-se notar que na Bíblia, todo o argumento em uma passagem é muitas vezes baseado em uma única palavra ou até mesmo em uma única letra (Mateus 22:32; Gálatas 3,16). O ponto de vista conceitual de inspiração está diretamente em desacordo com essas passagens e não pode ser defendido a partir da Escritura. Este *ponto de vista* tem ido além ao explicar o elemento humano na Escritura *onde* seus proponentes pensam que há erros na Escritura. Isto reduz a Bíblia a um livro de ideias inspiradas, comunicadas a nós *por meio* de palavras não inspiradas.

A doutrina da **inspiração verbal-plenária** é o primeiro grande padrão para se julgar traduções inglesas da Bíblia. Ela ensina que as palavras dos originais em Grego e Hebraico das Escrituras foram dadas por inspiração de Deus. Ela aponta para o fato de que os tradutores devem concentrar-se na palavra como a unidade básica da tradução já que a palavra é a unidade básica de inspiração. Na segunda seção deste livro, veremos que a doutrina da inspiração verbal é decisiva para se julgar entre as concorrentes teorias de tradução: a da equivalência dinâmica e a da equivalência formal. Uma versão em Inglês da Bíblia fiel e digna de confiança deve ser baseada em uma teoria e prática da tradução que dá a devida importância à doutrina da inspiração verbal – uma doutrina que nos ensina que **cada palavra** da Escritura é importante e deve ser tratada com o máximo cuidado.

## ***A Doutrina da Preservação Providencial***

De igual importância no julgamento versões em inglês é a doutrina da preservação providencial divina da Escritura. Esta doutrina é expressa claramente na Confissão de *Westminster*, quando ela afirma que as Escrituras inspiradas em Grego e Hebraico têm sido “por Seu singular cuidado e providência, conservadas puras em todas as eras...” A doutrina da inspiração exige o corolário<sup>16</sup> da doutrina da preservação divina. Ambas as doutrinas são ensinadas nas Escrituras, e ambas são essenciais para a nossa fé. Deus não só inspirou a Sua Palavra, mas Ele também providencialmente *a tem* preservado para que a Sua Palavra não morra, mas seja mantida em sua pureza essencial em todas as gerações. A relação entre inspiração e preservação é *muito* bem declarada por Edward Hills:

Se a doutrina da inspiração divina das Escrituras do Antigo Testamento e do Novo é uma doutrina verdadeira, a doutrina da preservação providencial das Escrituras também deve ser uma verdadeira doutrina. É necessário que, através dos séculos, Deus tenha exercido um controle especial, providencial, sobre a cópia das Escrituras e sobre a preservação e uso destas cópias, de modo que os representantes confiáveis do texto original têm estado disponível para o povo de Deus em todas as épocas. Deus deve ter feito isso, pois se Ele deu as Escrituras à Sua Igreja por inspiração como a revelação perfeita e final da sua vontade, então é óbvio que ele não permitiria que esta revelação desaparecesse ou sofresse qualquer alteração de seu caráter fundamental<sup>17</sup>.

Sem a preservação providencial das Escrituras *por* Deus, a doutrina da inspiração verbal-plenária ficaria praticamente sem sentido; separados da preservação, não poderíamos ter certeza de que temos as palavras dos originais em Hebraico e Grego das Escrituras (que são o fundamento da nossa fé e a base em nossas traduções em inglês) em sua pureza essencial

---

<sup>16</sup> **corolário** - uma consequência prática que se segue naturalmente.

<sup>17</sup> Edward F. Hills, *The King James Version Defended*, 4ª ed. (Des Moines: The Christian Research Press, 1984), p. 2.



depois de milhares de anos de cópias e transmissão. Que bem *haveria* numa Bíblia originalmente inspirada se tudo o que possuímos agora são edições corruptas e fraudulentas dos textos em Grego e Hebraico? A doutrina da preservação remove essas dúvidas; e, como Owen, somos capazes de afirmar que “toda a Palavra de Deus, em todas as cartas e *em cada* til, tendo sido dado por Ele por inspiração, está preservada e sem corrupção”<sup>18</sup>.

O fato de que Deus, “pelo seu singular cuidado e providência”, manteve a Sua Palavra “pura em todas as épocas” é claramente ensinado nas seguintes Escrituras:

As palavras do SENHOR são palavras puras, como prata refinada em fornalha de barro, purificada sete vezes. Tu os guardarás, SENHOR; desta geração os livrarás para sempre. (Salmos 12:6-7)

Lámed. Para sempre, ó SENHOR, a tua palavra permanece no céu. (Salmos 119: 89)

A tua palavra é a verdade desde o princípio, e cada um dos teus juízos dura para sempre. (Salmos 119: 160)

Seca-se a erva, e cai a flor, porém a palavra de nosso Deus subsiste eternamente. (Isaías 40: 8)

Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido. (Mateus 5:18)

---

<sup>18</sup> John Owen, *The Divine Original, Authority, Self-Evidencing Light, and Power of the Scriptures*, em *A Obras de John Owen*, 16 vols. , 16: (Edinburgh The Banner of Truth Trust, ed de reimpressão, 1968): 301. A declaração de Owen não nega a presença de variantes nos manuscritos existentes. Owen estava plenamente consciente destes, mas disse: “Onde há qualquer variedade é sempre em coisas de menor, na verdade, sem importância. Deus por sua providência tem preservado tudo do todo, *mesmo tendo* sofrido e vindo à tona estas variações menores, dentro ou entre as cópias que temos, para que *haja* intensificação no exercício de nossa diligência em nossa busca por sua Palavra”(ibid). Owen afirmou ainda, “Eu acrescento, que toda a Escritura, como um todo, tem sido dada da parte de Deus, sem qualquer perda, está preservada nas cópias dos originais ainda restantes ... Em todos eles, nós dizemos, em cada letra e til da palavra . Essas cópias, nós dizemos, são a regra, norma, e pedra de toque de todas as traduções, antigas ou modernas, pelo qual eles são em todas as coisas examinadas, avaliadas, corrigidas, alteradas; em si mesmas e apenas por si mesmas”. John Owen, *Da integridade e da Pureza dos Textos Hebraico e Grego da Bíblia*, nas *Obras de John Owen*, 16 vols (Edinburgh: A Banner of Truth Trust, 1968), 16: 357.

O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar. (Mateus 24:35)

Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre. Porque Toda a carne é como a erva, E toda a glória do homem como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor; Mas a palavra do Senhor permanece para sempre. (1 Pedro 1:23-25)

A doutrina, estabelecida nestas Escrituras, traz grande segurança para nós de que Deus tem mantido os textos originais em Grego e Hebraico da Escritura em sua pureza essencial ao longo da história. Pela fé, sabemos que Deus preservou Sua Palavra para nós nos manuscritos existentes em Hebraico do Antigo Testamento e em Grego do Novo Testamento, que são a base para nossas Bíblias em inglês. Como Turretin afirma, a principal razão de acreditamos na integridade das Escrituras e da pureza das fontes originais “é a providência de Deus (Quem, como Ele desejava, forneceu para a nossa fé por inspiração aos escritores sagrados, aquilo que eles deveriam escrever, e preservando as Escrituras contra as tentativas de inimigos que de tudo experimentaram tentando destruí-las), então Ele teve de mantê-las puras e não-corrompidas a fim de que a nossa fé possa sempre ter uma fundação firme”<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> Francis Turretin, *Institutes of Elentic Theology*, 3 vols., Trans George M. Giger, ed. James T. Dennison, Jr. (Phillipsburg: Editora Presbiteriana Reformada, 1992), 1:72. Para Turretin, a presença de variantes nos manuscritos existentes de forma alguma anulam a doutrina da preservação providencial. Ele diz: “Embora nós demos às Escrituras integridade absoluta, nós não pensamos que os copistas e os impressores foram inspirados (*theopneustous*), mas apenas que a providência de Deus *estava vigilante sobre a realização das* cópias dos livros sagrados, de modo que, embora *alguns* erros possam ter se infiltrado, isto não aconteceu tanto que (ou não tenham de tal forma penetrado nos manuscritos), que não possam ser facilmente corrigidos por um agrupamento de outros (ou com as próprias Escrituras). Portanto, o fundamento da pureza e da integridade das fontes não é colocada sobre a liberdade de culpa (*anamartesia*) dos homens, mas, na providência de Deus, que (embora homens empregados em transcrever os livros sagrados possam possivelmente ter se envolvido com vários erros) sempre diligentemente tiveram o cuidado de corrigi-los, ou podem ser corrigidos facilmente quer a partir de uma comparação com a própria Escritura ou a partir de manuscritos mais aprovados. Não era necessário, portanto, considerar todos os escribas infalíveis, mas apenas de modo a encaminhá-los a que a verdadeira leitura possa sempre ser encontrada. Este livro supera todos os outros na pureza”. (ibid, 1: 72-73).

A doutrina da **preservação providencial** das Escrituras é o segundo maior padrão para se julgar traduções inglesas da Bíblia. E é um padrão muito importante, pois nos permite determinar o correto texto Hebraico e Grego que deve formar a base para as nossas traduções. Uma versão em Inglês da Bíblia, fiel e digna de confiança, deve repousar em edições dos textos Hebraicos e Gregos originais que estão determinadamente em pleno acordo com a doutrina da preservação providencial. Na terceira seção deste livro, vamos aplicar esta Norma para a atual controvérsia sobre qual é o “melhor” texto original: os textos críticos modernos ou os textos tradicionais da Sagrada Escritura.

A utilização dos padrões doutriniais de **inspiração verbal** e de **providencial Preservação** permitirá a igreja reconhecer essas traduções que devem ser consideradas confiáveis. Estes padrões tornarão possíveis para nós excluirmos toda a presente confusão relativa às versões da Bíblia e chegarmos ao cerne da questão. Tendo, portanto, lançado as bases para a avaliação doutrinal das traduções em inglês das Escrituras, vamos agora aplicar estes padrões doutriniais aos dois fatores mais importantes que são introduzidos ao se fazer uma tradução da Bíblia para o Inglês.

## **2. A Aplicação do Padrão Para Se Julgar as Traduções da Bíblia em Inglês, Parte Um: Filosofias de Tradução.**

O debate sobre qual é a melhor versão em Inglês, em última análise, gira em torno de dois elementos principais que são necessários para se produzir uma tradução da Bíblia. O primeiro elemento é a filosofia da tradução, e o segundo é o dos textos Hebraico e Grego. Estes dois componentes fornecem a base de todas as traduções da Sagrada Escritura para o inglês. O objetivo deste capítulo, e do capítulo seguinte, é o de examinar os diferentes pontos de vista da teoria da tradução e da crítica textual (ou seja, o método de estabelecer o verdadeiro texto original) e determinar quais pontos de vista estão de acordo com os padrões doutrinários da inspiração verbal e da preservação providencial. Se a tradução é baseada em uma filosofia de tradução teologicamente sã e os textos Hebraico e Grego estabelecidos *estão* de acordo com princípios teológicos sãos e se o trabalho é realizado com competência, conclui-se que essa tradução deve ser uma representação fidedigna da autêntica Palavra de Deus<sup>20</sup>.

### ***Filosofias de Tradução***

Em última análise, há realmente apenas duas abordagens para a questão da teoria da tradução; isto é, há fundamentalmente apenas duas filosofias de tradução. A diferença entre as duas não é simplesmente uma diferença de

---

<sup>20</sup> Turretin diz: “Uma escrita autêntica é aquela em que todas as coisas são abundantes e suficientes para inspirar confiança; uma para qual o crédito máximo é devido à sua própria espécie; uma das quais nós podemos ter certeza absoluta que procedeu a partir do autor o qual ela leva o nome; uma em que tudo está escrito exatamente como Ele próprio desejava”. *The Institutes of Elentic Theology*, 1:113. Turretin afirma que apenas os autógrafos dos autores bíblicos, e as cópias fiéis e precisas dos originais, são totalmente autênticos. *Ibid*, 1:113, 125-126. No entanto, uma versão em Inglês da Bíblia é também a verdadeira Palavra de Deus na medida em que se conforma fielmente ao que os profetas e apóstolos inspirados realmente escreveram. Além disso, dizemos que uma tradução da Bíblia é a Palavra autoritativa e infalível de Deus na medida em que, com fidelidade e precisão, reproduz o que Deus disse (revelou), quando Ele deu a Sua Palavra nos originais em Grego e Hebraico das Escrituras. Na medida em que uma tradução acrescenta ou tira a inspiração das Escrituras em Hebraico e Grego, nessa medida ela já não é *mais* a Palavra de Deus.

grau, mas elementarmente uma diferença essencial de tipo<sup>21</sup>. Estas duas filosofias divergentes têm sido referidas por vários rótulos descritivos: literal *versus* paráfrase; palavra-por-palavra *versus* pensamento-por-pensamento; orientados pelo conteúdo *versus* orientados pela forma; equivalência formal *versus* equivalência dinâmica. Para os propósitos deste estudo vamos nos referir a estas abordagens diferentes de tradução como **método da equivalência formal** (doravante, EF) e **método da equivalência dinâmica** (daqui em diante, ED)<sup>22</sup>. É importante que entendamos que a diferença *entre as* filosofias de tradução não é simplesmente de interesse acadêmico para os tradutores. Desde *que* a EF e a ED representam abordagens divergentes de tradução, elas produzem visivelmente diferentes versões da Bíblia em Inglês; filosofias divergentes (pressupostos) conduzem a resultados diferentes. Um leitor da Bíblia em Inglês irá usar uma Bíblia que foi traduzida de acordo com a EF ou *de acordo com* ED. Desta maneira, os cristãos não podem permanecer neutros sobre a questão das filosofias de tradução, pois isso afeta o seu acesso pessoal à verdadeira Palavra de Deus em Inglês.

### ***A Tradução Por Equivalência Formal***

A tradução *por* EF pretende ser uma tradução literal; ou seja, ele procura ser tão literal quanto possível. O significado da palavra **literal**, **portanto**, **ajuda-nos a compreender a filosofia da EF**. O termo **Literal** vem da palavra Latina *litera*, *que significa “letra”*. A tradução literal está preocupada com as próprias letras (ou seja, as palavras reais, formada pelas letras) que estão sendo traduzidas, e procura seguir e representar na tradução as exatas palavras do texto original. Por conseguinte, no método EF, a unidade básica

---

<sup>21</sup> Eugene H. Glassman, *O Debate da Tradução* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1981), p. 47.

<sup>22</sup> Deve notar-se que a aplicação de cada método varia de tradução para tradução. Por exemplo, tanto a TEV (*Today's English Version*) quanto a NIV (*New International Version*) baseiam-se no método de ED; mas é claro que a TEV é mais “*parafra-sística*” [isto é, *palavras alteradas, pretendendo dizer “a mesma coisa” usando palavras diferentes*] do que a NVI. Da mesma forma, todas as versões possuem alguns elementos da EF e ED. No entanto, cada versão é baseada em uma filosofia de tradução definida, ou por EF, ou por ED.

de tradução é a palavra; em conformidade *com isso*, EF é uma tradução palavra por palavra. Isto significa que EF procura traduzir cada palavra em Hebraico e em Grego em seu mais próximo equivalente em Inglês. Em traduções EF, o tradutor tenta os paralelos, tanto quanto possível, da redação e da estrutura gramatical do original Hebraico e Grego; ele procura tornar substantivos por substantivos, verbos por verbos, etc. Martin dá a seguinte explicação do método de tradução EF:

Com esta orientação filosófica, o tradutor está preocupado com que os elementos da tradução final, tanto quanto possível, representem os elementos do texto original. Ele está preocupado em que parágrafo corresponda a parágrafo, sentença a sentença, cláusula a cláusula, frase a frase e palavra a palavra. A filosofia ou método de tradução da equivalência formal busca dizer 'o que' o texto original diz retendo 'como' ele diz isto (tanto quanto a gramática inglesa permite). Embora cada expressão em Inglês nem sempre permita que o tradutor por equivalência formal possa fazê-lo, ele não tenta ajustar as expressões idiomáticas que o escritor original utilizou; pelo contrário, ele tenta interpretá-las, o tanto quanto, literalmente...<sup>23</sup>

Como Martin aponta, a EF não está apenas preocupada com **o que** Deus disse no original, mas também com a forma **do como** Ele disse isso. Isto ocorre porque a forma do texto é parte da transferência de significado<sup>24</sup>.

Portanto, uma tradução EF coloca a sua maior ênfase na forma gramatical e literal do original Hebraico e Grego e visa levar o Inglês a se conformar tanto quanto possível ao original. Esse compromisso com a forma do Hebraico e Grego se deve ao fato de que, como van Bruggen, explica: "A Bíblia foi composta em certos formatos. Algumas passagens foram escritas na forma de profecias, algumas de músicas, algumas de cartas, algumas de narrativas. Existem também várias formas dentro das unidades linguísticas menores das Escrituras: parágrafos, frases, orações dependentes e

---

<sup>23</sup> Robert P. Martin, *A Precisão da Tradução e a Nova Versão Internacional* (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1989), p. 8.

<sup>24</sup> *Ibid.*

independentes, e frases preposicionais. Pela fidelidade à forma entende-se que uma tradução confiável deve tornar estas formas tão próximas da forma como elas estão no original quanto possível<sup>25</sup>. Sem essa fidelidade à forma, a mensagem das Escrituras pode ser enfraquecida ou até mesmo perdida<sup>26</sup>. Devido a seu compromisso com a forma do texto bíblico, uma tradução *em inglês por EF* é, em essência, “Inglês bíblico”.

Toda tradução envolve algum grau de interpretação. No entanto, no método EF, o elemento de interpretação é deliberadamente mantido a um mínimo. Em EF, o papel do tradutor não é a de “um exegeta que está interpretando a Bíblia para a igreja”<sup>27</sup>. Pelo contrário, “O papel adequado do tradutor é dar à Igreja uma tradução exata sobre a qual se pode fazer a exegese”<sup>28</sup>. A visão da EF sobre interpretação e tradução é bem declarada por Thomas:

Em todo o trabalho que é precisamente chamado de tradução, a interpretação deve ser mantida a um mínimo. Caso contrário, o papel do expositor é usurpado, e o trabalho torna-se um comentário sobre o significado do texto, não uma tradução para o equivalente mais próximo da linguagem receptora... Comentários são muito necessários, mas é um erro supor que a tradução pode funcionar nesse papel sem deixar de ser

---

<sup>25</sup> Jakob van Bruggen, *O Futuro da Bíblia* (Nashville: Thomas Nelson Inc., 1978), pp 99-100.

<sup>26</sup> van Bruggen explica a importância da forma para o significado: “Por exemplo, às vezes, Paulo escreveu frases muito longas. Ele nem sempre o fez, mas quando o fez, ele teve uma razão. Em tais frases são descritas as riquezas da fé cristã. Estas verdades, por vezes, requerem uma forma exaltada de expressão e isso se reflete nas longas sentenças de Paulo, que contêm uma linguagem que é solene ou *em formato de um hino*. Estas frases longas, embora difíceis, contêm muitas nuances de significado que não poderiam ser expressas de nenhuma outra forma. Portanto, o tradutor deve se esforçar para reproduzi-las, tanto quanto possível. Quando tais sentenças são divididas em frases curtas, um pouco do significado é perdido”. *Ibid.*, Pp. 100-101. van Bruggen diz ainda, “A **Forma** é uma questão de composição do autor, seu uso linguístico, e até mesmo seu estilo. A frase longa não é uma exigência da língua Grega; O Grego permite ambas as frases, curtas e longas. Nem *tampouco* é a frase longa um clichê estilístico, que no caso de Paulo seria determinado pelo gosto literário de sua época. É surpreendente que Paulo não ficou de todo preso apenas a frases de longa duração, mas ao mesmo tempo usou frases muito curtas e outras vezes frases muito longas. Ele escolheu suas palavras e compôs suas formas de acordo com as exigências do significado do seu texto”. (*ibid.*, pp. 103-104).

<sup>27</sup> *Ibid.*, P. 106.

<sup>28</sup> *Ibid.*

uma tradução... Não é o trabalho do tradutor mediar entre a Palavra de Deus e a cultura moderna, como o comentarista e o expositor o fazem.<sup>29</sup>

É importante compreender que o método de tradução EF não defende uma tradução absolutamente literal, pois existem elementos de Hebraico e Grego que não têm equivalente formal em Inglês. Uma tradução literal seria estritamente, às vezes, quase ininteligível para os leitores ingleses. Portanto, aqueles comprometidos com a tradução *por* EF não acreditam que o tradutor está sempre vinculado ao formato, mas apenas que o tradutor deve sempre fazer uma “séria tentativa de manter a forma, tanto quanto possível”<sup>30</sup>. A tradução EF se esforça para ser a mais literal possível.

Os exemplos primários de traduções Inglês *por* EF são a Versão Autorizada [*King James Bible 1611*], a American Standard Version, a New American Standard Bible, e a New King James Version.

### ***A Tradução Por Equivalência Dinâmica***

A tradução ED não pretende ser uma tradução literal do texto original da Escritura. Na ED, a principal preocupação do tradutor, em consideração ao leitor moderno, é transmitir o **significado** do original, em vez de transferir **as palavras** do original. Segundo os pressupostos desse método, a “dinâmica” está no sentido do texto e não nas palavras ou *na* forma gramatical do texto. Na verdade, a forma não é vista apenas como secundária, é *também* muitas vezes considerada como um sério obstáculo para a comunicação. Portanto, na ED, o foco do tradutor está sobre a **intenção** do escritor bíblico e não na **forma** do texto bíblico. A ED é uma tradução orientada para o conteúdo, em vez de uma tradução orientada para a forma. A unidade básica a ser traduzido não é a palavra, mas o pensamento; desta maneira, ED é uma tradução pensamento-por-pensamento.

---

<sup>29</sup> Robert L. Thomas, “*Traduções da Bíblia: A ligação Entre Exegese e Pregação Expositiva*”, *The Master’s Seminary Journal* 1 (Primavera, 1990), p. 72.

<sup>30</sup> van Bruggen, *O Futuro da Bíblia*, p. 104.



O alvo da ED **não é** dar ao leitor moderno um texto que reproduz a forma do texto original; ao invés *dí*isso, o objetivo é produzir uma resposta ao texto, em uma leitura moderna, equivalente à reação dos ouvintes originais deste mesmo texto. Glassman explica o método ED:

O que isto significa é que se tenta produzir no leitor, ou ouvinte na língua receptora, a mesma reação à mensagem que o autor original procurou produzir nos leitores ou ouvintes imediatos. Assume-se que a mensagem original era natural e significativa e que a estrutura gramatical e as palavras usadas não eram desanimadoramente difíceis, mas a que as pessoas usavam em suas vidas cotidianas.<sup>31</sup>

Como o objetivo é a equivalência de resposta, o tradutor ED deve dar a sua ênfase principal na tradução para o Inglês na forma moderna. O tradutor não está sob nenhuma obrigação de manter a forma do original Hebraico e Grego, porque essas formas soam estranhas e não naturais ao homem moderno. De acordo com o método ED, a Bíblia em Inglês deve estar na linguagem que irá comunicar o significado das Escrituras de uma maneira fácil e natural. Portanto, a Bíblia deve ser traduzida para a linguagem cotidiana das pessoas comuns.<sup>32</sup>

O coração do método ED de tradução é o processo de análise, transferência e reestruturação.<sup>33</sup> É por este procedimento que o tradutor é capaz de transmitir o significado do original Grego e Hebraico ao homem moderno. Para conseguir uma tradução ED, o tradutor deve primeiro **analisar** ou interpretar o texto original para determinar o que as palavras significavam para aqueles que primeiro a ouviram. O tradutor deve

---

<sup>31</sup> Glassman, *O Debate da Tradução*, p. 52. Glassman explica a visão ED sobre o que constitui uma “tradução fiel”, citando Beekman e Callow: “Uma tradução que transfere o significado e a dinâmica do texto original deve ser considerada como uma tradução fiel. A expressão, transferir o significado, significa que a tradução transmite ao leitor ou ouvinte a informação que o original transmitiu aos seus leitores ou ouvintes”. (ibid, pp. 57-58).

<sup>32</sup> Glassman alega que versões da Bíblia não devem ser “em termos ambíguos, enganosos, obscuros, ou não naturais – em outras palavras, num jargão aparentemente conhecida apenas pela igreja e por Deus. As pessoas leem cartas entre si, o seu jornal diário, ou a mais recente brochura na linguagem da vida diária. Por que eles não têm a Palavra de Deus disponível a eles em uma linguagem a qual eles possam entender e responder?” Ibid, pp. 116-117.

<sup>33</sup> Ibid, p. 52.

conhecer a interpretação apropriada do texto antes que ele possa traduzi-lo.<sup>34</sup> Em seguida, o tradutor tem de **transferir** o significado aos leitores dos dias atuais. **Transferência** é um processo subjetivo que ocorre na mente do tradutor, com o qual ele se esforça para preencher a lacuna entre a língua e a cultura do texto bíblico e a língua e cultura do leitor em Inglês moderno<sup>35</sup>. O tradutor deve decidir sobre a melhor maneira de indicar o significado do original, de modo que ele o irá prontamente comunicar aos leitores contemporâneos. Finalmente, o tradutor deve **reestruturar**, em sua tradução, à forma do original, de modo que ele “irá, naturalmente, transferir todo o conteúdo da mensagem aos seus leitores”.<sup>36</sup>

Este processo de tripla camada de análise, transferência e reestruturação é claramente expresso no prefácio da *Today's English Version* da *American Bible Society*:

A principal preocupação dos tradutores tem sido a de fornecer uma tradução fiel ao significado do texto no Hebraico, Aramaico e Grego. Sua primeira tarefa foi entender corretamente o significado do original... Depois de averiguar a maior precisão possível do significado no original, a próxima tarefa dos tradutores foi expressar esse significado de uma maneira e forma facilmente compreensível aos leitores... Todos os esforços foram feitos para usar a linguagem que é natural, clara, simples e inequívoca. Consequentemente, não houve nenhuma tentativa de voltar a produzir em Inglês as partes do discurso, a estrutura de sentença, a ordem das palavras, e os dispositivos gramaticais das línguas originais.

O mesmo processo de ED fica evidente na filosofia de tradução da Nova Versão Internacional.<sup>37</sup> Goddard, que serviu no Comitê de Tradução da Bíblia

---

<sup>34</sup> Ibid., Pp. 59-60.

<sup>35</sup> Ibid., P. 61.

<sup>36</sup> Barclay Newman, Jr., “O Caminho Antigo e o Novo”, *O Tradutor da Bíblia*, 28 (Abril de 1977), p. 206. Como citado por Glassman, *O Debate da Tradução*, p. 64.

<sup>37</sup> O prefácio dos Tradutores da *Nova Versão Internacional* afirma: “A primeira preocupação dos tradutores foi *com* a precisão da tradução e a sua fidelidade ao pensamento dos escritores bíblicos. Eles pensaram na importância dos detalhes lexicais e gramaticais do Hebraico, Aramaico e Grego. Ao mesmo tempo, eles têm lutado por mais do que uma tradução palavra por palavra. Porque os padrões de pensamento e de sintaxe diferem de língua para língua, a

NVI, explica como essa filosofia foi estabelecida no Manual de tradutores da NVI:

Os tradutores procurarão comunicar aos seus leitores o que a Palavra inspirada por Deus intencionava comunicar àqueles que a leram ou a ouviram, como originalmente transmitida – nada mais, nada menos. Eles se aproximarão de uma passagem com esta pergunta: “O que o escritor estava dizendo em sua língua para as pessoas de sua época?” Eles, então, dirão: “Como podemos expressar o mesmo significado em nossa linguagem atual?” Às vezes, palavras equivalentes e da mesma estrutura de sentença serão suficientes; em outros momentos, elas se revelarão inadequadas. Os tradutores, então, não estarão vinculados às palavras, mas ao significado<sup>38</sup>.

Em essência, este método ED de análise, transferência e reestruturação é uma “paráfrase científica” do texto bíblico<sup>39</sup>.

Deve estar evidente que o processo de tradução *por* ED requer que o tradutor seja muito mais do que aquele que simplesmente procura transferir as palavras da Escritura em seus equivalentes mais próximos em Inglês. Neste método, o tradutor deve se tornar um intérprete que transfere o sentido da Escritura aos seus leitores. Na ED, o tradutor assume o papel de um exegeta e expositor.

Os exemplos primários de traduções *por* ED são a *New English Bible* – Nova Bíblia em Inglês, *Today's English Version* – Versão em Inglês Atual (ou *Good News Bible* - Bíblia Boas Novas), a *New International Version* – Nova Versão Internacional, a *Jerusalem Bible* – Bíblia Jerusalém, a *Contemporary*

---

comunicação fiel do significado dos escritores da Bíblia exige modificação frequente na estrutura da sentença e constante adaptação do significado contextual das palavras”.

<sup>38</sup> Burton L. Goddard, *A História da NVI* (New York: Vantage Press, 1989)., Pp 38-39 (grifo nosso).

<sup>39</sup> Martin afirma: “A paráfrase frequente é uma marca da tradução por equivalência dinâmica. Na verdade, Price se refere ao método de equivalência dinâmica como ‘paráfrase científica’”. *Precisão da Tradução*, pp. 62-63. Martin identificou sete características de uma tradução *por* ED: a **eliminação** de estruturas gramaticais complexas; a **adição** das palavras na tradução; a **omissão** de palavras na tradução; a **erosão** da terminologia técnica da Bíblia; o **nivelamento** das distinções **culturais**; a apresentação da **interpretação** da Escritura como Escritura; e a **paráfrase** do texto bíblico (ibid., pp. 18-67).

*English Version* – Versão em Inglês Contemporâneo, e a *New Living Translation* – Tradução Vida Nova.

### ***Inspiração Verbal e Filosofias de Tradução***

As filosofias EF e ED apresentam duas abordagens muito diferentes para a tarefa de tradução; assim, eles produzem dois tipos muito diferentes de Bíblias em Inglês. A EF faz da **palavra** a unidade básica da tradução, enquanto a ED torna o **pensamento** a unidade básica da tradução. A EF objetiva manter a forma gramatical do original, enquanto a ED está mais do que predisposta a deixar esta forma de lado em favor da forma de um Inglês contemporâneo. A EF se concentra em manter a interpretação em um nível mínimo, enquanto a ED torna a interpretação o centro de seu método.

Como devemos julgar entre essas duas filosofias de tradução? O único padrão adequado para se julgar entre eles é a Palavra de Deus; especificamente, a doutrina da inspiração verbal, pois essa doutrina se relaciona diretamente com a questão da teoria da tradução. Já que as próprias **palavras** da Escritura foram inspiradas por Deus – não apenas as ideias ou os conceitos das Escrituras – segue-se que este fato da inspiração verbal deve estar refletido na filosofia de tradução. Se a **palavra** é a unidade básica da inspiração, não deve ser a **palavra** a unidade básica da tradução? Se Deus se agradou em dar aos homens as suas **palavras** inspiradas no original Hebraico e Grego das Escrituras, não deve o tradutor se esforçar para transferir tanto quanto possível essas mesmas **palavras** em Inglês?

É, pois, evidente que o método EF, que dá prioridade à tradução das **palavras** e às formas gramaticais das Escrituras em seus equivalentes ingleses mais próximos, está em definitiva harmonia com a doutrina da inspiração verbal<sup>40</sup>. Enquanto, por outro lado, fica evidente que o método ED,

---

<sup>40</sup> Thomas observa: “Há pouca dúvida de que a plena certeza de que os autógrafos em Hebraico, Aramaico e Grego da Bíblia são inspirados, está por trás da dominância da equivalência formal de tradução ao longo dos séculos do cristianismo... O motivo teológico por trás deste tipo de tradução é óbvio”. Robert L. Thomas, *Equivalência Dinâmica: Um*

que incide sobre a transferência apenas do significado ou pensamento do original, nega implicitamente (pelo menos na prática) a importância da inspiração verbal e é realmente mais consistente com a visão herética da inspiração conceitual<sup>41</sup>.

Para que a inspiração verbal e plenária da Bíblia seja devidamente reconhecida no trabalho de tradução, a principal unidade de tradução deve ser a palavra, e não apenas a ideia. Qualquer método de tradução que se afasta deste compromisso está em sério conflito com a doutrina da inspiração verbal-plenária... Claramente falando, o método da equivalência formal de tradução está filosoficamente comprometido em resguardar e preservar as palavras individuais do texto original como as unidades primárias de tradução; o método de equivalência dinâmica não possui este comprometimento<sup>42</sup>.

Se a filosofia da ED não está fundamentada na doutrina da inspiração verbal, então em que é que ela se baseia? De acordo com van Bruggen, a teoria da ED “está relacionada com uma visão de Deus, do homem e do mundo intimamente associada à filosofia moderna e às ciências nelas baseadas”<sup>43</sup>. E mais, ele afirma, que a “teoria da tradução ED deve sua influência e efeito à mistura de preconceitos teológicos modernos a respeito da Bíblia, com dados emprestados da teoria da comunicação, da antropologia cultural, e da sociologia moderna...”<sup>44</sup>. Por isso, a teoria e a prática da ED são construídas

---

*Método de Tradução ou um Sistema de Hermenêutica?*, *The Master's Seminary Journal* 1 (Outono 1990), pp. 169-170. Martin explica como a doutrina da inspiração verbal exige a EF na tradução: “O fato de que a Bíblia ensina a doutrina da inspiração verbal-plenária deve influenciar o trabalho do tradutor. Uma inspiração que se estende até a escolha divina das palavras só pode implicar que Deus está preocupado com muito mais do que ideias gerais. É claro que Deus intenciona que nós O compreendamos de forma exata. O tradutor deve ter em mente que ele está lidando com a verdade exatamente expressa. Seu trabalho, portanto, é o de expressar a mesma verdade como maior exatidão possível na língua do seu povo, para expressar da forma mais precisa possível a mesma mensagem no vocabulário e formas gramaticais da língua-alvo”. *Precisão de Tradução*, pp. 14-15.

<sup>41</sup> Martin afirma: “A tendência de remover a ênfase ou mesmo de se negar completamente a inspiração verbal-plenária tem uma afinidade com o método de equivalência dinâmica de tradução, pois o método em si eleva a primazia das ideias acima da primazia das palavras exatas do texto original”. *Ibid.*, p. 16.

<sup>42</sup> *Ibid.*, Pp. 16-17.

<sup>43</sup> van Bruggen, *O Futuro da Bíblia*, p. 78.

<sup>44</sup> van Bruggen, *ibid.*, p. 151. O livro de van Bruggen fornece uma excelente e incisiva crítica teológica ao método de tradução por ED. Ver especialmente pp. 67-96, 99-100, 151-

sobre as areias da inspiração conceitual e das, muitas vezes humanistas, filosofias e ciências modernas, enquanto a EF tem uma base firme na doutrina bíblica da inspiração verbal.

Conseqüentemente, quando nós aplicamos a doutrina da inspiração verbal à questão da filosofia da tradução, chegamos à conclusão clara e definitiva de que as únicas versões plenamente confiáveis da Bíblia em Inglês são aquelas que são traduzidas de acordo com a prática da EF. Por não ser a ED baseada em princípios bíblicos e pressuposições sãs, a sua prática na tradução da Bíblia leva a conseqüências graves e sérias. Por um lado, ela apresenta uma tradução que é realmente nada mais do que uma interpretação; Assim, ela frequentemente distorce a Palavra de Deus e frequentemente fornece ao leitor *em Inglês* a palavra do homem, em razão de o tradutor ED ter interpretado erradamente o significado do original Hebraico ou Grego. Quando um tradutor ED erra em sua análise do texto, ele não transfere a Palavra de Deus inspirada aos seus leitores, mas apenas sua própria compreensão equivocada do texto<sup>45</sup>. Edgar explica este grave defeito da tradução *por* ED:

O problema básico com tal abordagem de tradução é que o leitor é entregue, com mãos e pés atados, à interpretação do tradutor sem sequer uma dica de que é apenas a interpretação do tradutor. Ele acha que está lendo uma tradução da Palavra de Deus, quando na verdade ele só está lendo o que o tradutor acha que Deus quis dizer, declarado na forma como o tradutor prefere... Existem inúmeros versos que são capazes de diferentes interpretações. O leitor, a menos que ele possa ler Grego e Hebraico, não sabe se em um determinado versículo ele está lendo uma tradução da Palavra de Deus ou o comentário do tradutor. Se ele pode ler Grego ou Hebraico, entretanto, ele não precisa de uma tradução “dinâmica equivalente”. Se ele não sabe ler Grego e Hebraico,

---

168. Para a afinidade da ED com as modernas teorias da linguagem e hermenêutica, ver Thomas, “*Equivalência Dinâmica: Um Método de Tradução ou Um Sistema Hermenêutico?*”

<sup>45</sup> Uma vez que todas as traduções envolvem pelo menos alguma interpretação, a tradução EF pode, eventualmente, às vezes também distorcer a Palavra de Deus. Mas desde que a EF se esforce por manter esta interpretação a um mínimo, esse perigo é muito menor do que em uma tradução ED que faz da interpretação o núcleo de seu método.

ele não pode realmente confiar em uma tradução dinâmica equivalente para qualquer estudo sério da Bíblia já que ele não possui nenhuma maneira de diferenciar a Palavra de Deus a partir do comentário do tradutor<sup>46</sup>.

Por outro lado, a ED compromete seriamente a doutrina da igreja a respeito da inspiração verbal. A ED nas traduções Bíblicas da igreja constitui o primeiro passo para a heresia da inspiração conceitual (ou dinâmica) na doutrina da igreja. Será que a doutrina crucial da inspiração verbal sobrevive em uma igreja que promove uma tradução que, na prática, a nega? Como Martin adverte: “Onde o método de tradução dinâmica é abraçado, é apenas um pequeno passo para se abraçar também a visão dinâmica de inspiração.”<sup>47</sup>

É imperativo que a Igreja defenda vigorosamente e proclame a doutrina da inspiração verbal em sua pregação e credos; mas isso, por si só, não é suficiente. A igreja também deve enxergar a ligação entre a sua teologia da inspiração e sua filosofia de tradução, sob a pena de minar a primeira pela segunda. Isto é exatamente o que acontece quando uma igreja de confissão ortodoxa promove o uso de traduções ED: seu credo ortodoxo afirma “inspiração verbal”, enquanto sua tradução ED implica em “inspiração dinâmica”. Portanto, a igreja deve não somente pregar a doutrina da inspiração verbal, *mas*, também deve ensinar esta doutrina *que* demanda a filosofia de tradução por EF, e em seguida, ela deve promover esta doutrina pela utilização pública de traduções da Escritura *por* EF.

O padrão de inspiração verbal resolve o debate a respeito da filosofia de tradução. Ele limpa o nevoeiro, dispersa as reivindicações dos editores bíblicos, e coloca abaixo todos os recursos com base em preferências pessoais ou facilidade de compreensão. A doutrina da inspiração verbal exige o uso de uma versão em Inglês que foi traduzida de acordo com a filosofia da EF. Um cristão sábio e uma igreja obediente ouvirão e agirão em conformidade.

---

<sup>46</sup> Thomas Edgar, *A Palavra de Deus ou Meramente Equivalente?*, Reflexões 5 (Outono, 1983), p. 4.

<sup>47</sup> Martin, *Precisão de Tradução*, p. 69.

### **3. A Aplicação do Padrão Para Se Julgar Traduções da Bíblia em Inglês, Parte Dois: A Crítica Textual.**

Criticismo textual é a disciplina *que busca* estabelecer os verdadeiros textos dos originais no Hebraico e no Grego das Escrituras. O criticismo textual é necessário porque já não possuímos os autógrafos originais dos livros da Bíblia. O que nós possuímos são **cópias** escritas manualmente dos manuscritos originais (apógrafos).<sup>48</sup> A tarefa da crítica textual é a *de* determinar a verdadeira leitura do texto original a partir dessas cópias existentes. A importância da crítica textual para a tradução da Bíblia é óbvia: se a tradução deve ser fiel e confiável, ela deve ser baseada em um texto original que representa com precisão o que os autores inspirados da Escritura realmente escreveram. Um tradutor que trabalha a partir de textos inferiores no Hebraico e no Grego, independentemente de sua habilidade, só pode produzir uma tradução inferior.

Atualmente, há ainda um acordo essencial e generalizado sobre o texto básico do Velho Testamento Hebraico (doravante VT). A maioria concorda com o fato de que o texto Massorético representa o verdadeiro texto do VT<sup>49</sup>. No entanto, há uma diferença séria sobre o que constitui o verdadeiro texto do Novo Testamento (doravante NT). Existem basicamente duas abordagens para a tarefa de crítica textual do NT, e isso resultou em que haja essencialmente dois diferentes textos impressos do NT. Um dos textos impresso é o texto crítico moderno (daqui para frente TCM), que é atualmente representado pela 4ª Edição do ***Novo Testamento Grego da United Bible Societies***, e pela 27ª edição do ***Novum Testamentum Graece***<sup>50</sup> ***Nestle-Aland***. O outro texto impresso representa o texto tradicional do NT, e é chamado

---

<sup>48</sup> Atualmente, há mais de cinco mil manuscritos gregos que preservam uma parte ou todo o texto do NT. Além dessas testemunhas, temos também o testemunho das versões antigas do NT e as citações do NT pelos pais da igreja. O NT é, de longe, o livro melhor atestado do mundo antigo.

<sup>49</sup> Todas as principais versões em inglês foram baseadas em um texto hebraico que é essencialmente o texto Massorético. No entanto, tem havido uma tendência cada vez maior em algumas versões recentes de afastar-se, em alguns lugares, deste texto.

<sup>50</sup> O texto destas edições do TCM é o mesmo texto que é impresso na 3ª edição UBS e na 26ª edição N-A. Apenas o aparato textual foi revisado.



de *Textus Receptus* (daqui para frente TR), ou o “Texto Recebido”.<sup>51</sup> As diferenças entre estes textos impressos são, em alguns lugares, substanciais e graves<sup>52</sup>.

Portanto, uma vez que existe uma diferença nos textos impressos do NT, e uma vez que as nossas traduções inglesas do NT está baseada ou no TR ou o no TCM, é essencial que nós estabeleçamos qual texto é a melhor e mais confiável edição do NT Grego. Se o texto TCM é a melhor representação dos autógrafos originais, então as versões que são traduzidas a partir do TCM devem ser consideradas superiores às traduzidas do TR. No entanto, se ocorre o inverso, então as versões traduzidas do TR devem ser consideradas como as melhores representantes da Palavra de Deus em Inglês<sup>53</sup>. Na parte seguinte deste livro, vamos dar uma breve olhada no TR e no TCM, e em seguida, aplicar o padrão doutrinal da preservação providencial para que possamos julgar entre eles.

## **O *Textus Receptus***

O TR é uma edição impressa do que é conhecido como o texto Bizantino. O nome “Bizantino” é aplicado a este texto porque ele é o tipo de

---

<sup>51</sup> Há também dois outros textos impressos do NT Grego disponíveis hoje, *O Novo Testamento Grego de Acordo Com o Texto Majoritário*, ed. Zane C. Hodges e Arthur L. Farstad, 2ª. Edição (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1985), e *O Novo Testamento No Grego Original: Forma Textual Bizantina*, ed. Maurice A. Robinson e William G. Pierpont (Southborough, MA: Chilton Book Publishing, 2005). A edição de Hodges e Farstad e a edição de Robinson e Pierpont são, como o TR, baseados no texto tradicional bizantino, e, assim, todos os três apresentam essencialmente o mesmo texto. No entanto, existem algumas diferenças entre eles. *O Novo Testamento Grego e O Novo Testamento No Grego Original* ambos reivindicam seguir o texto representado na maioria dos manuscritos gregos do texto Bizantino, enquanto a TR é uma edição do texto bizantino que nem sempre segue a leitura majoritária deste tipo de texto. Para uma discussão sobre as diferenças entre *O Novo Testamento Grego De acordo Com o Texto Majoritário* e o TR e a aparente motivação por trás da publicação do texto por seus editores, consulte Theodore Letis, “Introdução”, *O Texto Majoritário: Ensaios e Revisões no Debate Contínuo*, ed. Theodore P. Letis (Grand Rapids: Instituto de Estudos Bíblicos Textuais, 1987), pp 1-24.

<sup>52</sup> Embora muitas das variantes entre o TR e TCM não sejam substanciais e não afetam o sentido do texto, existem algumas variantes que são bastante graves. Num livreto útil por G. W. Anderson e D. E. Anderson, os autores compilam uma lista de 575 diferenças importantes entre o TCM e o TR que afetam nossas versões em inglês e suas traduções. A sua lista de variantes não é completa, limitando-se às mais graves. G W Anderson e D. E. Anderson, *Uma Chave Textual Para o Novo Testamento* (Londres: Sociedade Bíblica Trinitária, 1992).

<sup>53</sup> Desde que o texto grego seja traduzido de acordo com o método EF!

texto encontrado na família de manuscritos gregos do NT que foram usados, transmitidos, e preservados pela igreja de língua Grega oriental. Porque ele foi entregue e preservado pela igreja, ele também é conhecido como o “texto tradicional” ou o “texto eclesiástico”. Este texto esteve em uso contínuo na Igreja Grega desde pelo menos o 4º século até o tempo da Reforma, quando Erasmo fez deste texto a base para a primeira edição impressa do NT grego.

O TR representa o tipo de texto que se encontra na grande maioria dos manuscritos gregos existentes<sup>54</sup> (cerca de 85-90% contêm este tipo de texto), e é por isso que muitas vezes ele é referido como o Texto Majoritário. A maioria dos manuscritos bizantinos são de uma data relativamente posterior (9º-14º séculos). No entanto, alguns fatos precisam ser observados em relação a isso. Em primeiro lugar, o fato de que os manuscritos bizantinos são de uma data posterior não diz nada em si mesmo a respeito da idade do texto nestes manuscritos. Como van Bruggen, explica: “Uma das primeiras coisas que um aluno deve aprender sobre a história textual é distinção entre **a idade do manuscrito e a idade do texto oferecido no manuscrito**. Um manuscrito bastante jovem pode fornecer um tipo muito antigo do texto”<sup>55</sup>. Portanto, “O fato de que esta forma de texto é conhecido por nós através de **manuscritos posteriores** não é, como tal, nenhuma prova de um **texto-escrita posterior...**”<sup>56</sup> Em segundo lugar, mesmo os mais fortes críticos do texto bizantino acreditam que a idade deste texto-escrita remonta ao final do 3º século ou ao início do 4º. século<sup>57</sup>. Em terceiro lugar, foi demonstrado que muitas das leituras distintas do texto Bizantino, que foram por certo tempo considerados como

---

<sup>54</sup> **existente** - ainda em existência; subsistindo.

<sup>55</sup> Jacob van Bruggen, *O Antigo Texto do Novo Testamento* (Winnipeg: Premier Printing, Ltd., 1976), p. 22.

<sup>56</sup> Ibid., P. 24. van Bruggen fornece uma importante discussão a respeito da “*Idade do Escrito Bizantino*”, pp. 22-29, e conclui dizendo: “Resumindo, devemos concluir que a codicologia [o estudo de manuscritos] e da história da corrupção-textual e da preservação-textual pleiteiam em favor da antiguidade do chamado texto-escrito bizantino; que a ausência deste tipo nos manuscritos maiúsculos [uma forma de escrita encontrada em manuscritos gregos e latinos da 3º. à 9º século, usando letras maiúsculas] e nos escritos de alguns *Padres Egípcios* da Igreja antes de Nicéia, não pode ser usado como argumento contra esta antiguidade” (ibid, p. 29).

<sup>57</sup> Kurt Aland e Barbara Aland, *O Texto do Novo Testamento*, trad. Erroll F. Rhodes (Grande Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1989), pp 50-51.. Eles se referem ao texto Bizantino como o texto Koinê.

evidência para o atraso deste texto-escrita, são atestados nos manuscritos papiros do 2º e 3º século<sup>58</sup>.

O texto-escrita Bizantino foi o primeiro texto Grego a aparecer em uma edição impressa. Erasmo, usando manuscritos da família textual bizantina, editou e publicou seu NT Grego em 1516. Entre 1519 e 1535, Erasmo publicou outras quatro edições do Novo Testamento Grego. Depois dele, Robert Stephanus publicou quatro edições do Novo Testamento Grego (1546-1551). O texto dessas edições era essencialmente o mesmo que o de Erasmus. Theodore Beza, o sucessor de Calvino, produziu dez edições do NT Grego durante a sua vida (1519-1605). As edições de Beza concordam estritamente com as de Erasmus e Stephanus. Em 1633, os irmãos Elzevir publicaram sua segunda edição do NT Grego. O texto basicamente seguia as edições de Beza, e foi no prefácio desta edição que a frase **Textus Receptus** foi aplicada pela primeira vez à forma impressa do texto Bizantino. Os irmãos Elzevir disseram a seus leitores: “Você tem, portanto, agora o texto recebido [*textus receptus*] por todos: ao qual nós não concedemos nenhuma alteração ou corrupção” Portanto, o TR é aquele texto impresso do texto-escrita Bizantino que é baseado nos trabalhos editoriais de Erasmus, Stephanus, e Beza<sup>59</sup>. O TR passou a ser reconhecido por todos os “Protestantes” como o autêntico texto do NT. As diferenças entre as várias edições da TR são “muito minoritárias”<sup>60</sup>. Por conseguinte, o TR é um texto de longa data que se baseia no texto-escrita contidos na grande maioria dos manuscritos. O texto tradicional do NT grego, tal como consagrado no TR, é um texto muito estável; é um “texto de consenso que tem servido como o padrão canônico protestante”<sup>61</sup>.

A importância do TR para a igreja de fala inglesa é que o TR formou a base da versão em Inglês mais amplamente utilizada e mais influente de

---

<sup>58</sup> Veja Harry A. Sturz, *O Texto Formato-Bizantino e a Crítica Textual do Novo Testamento* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1984), pp 55-69. Veja também van Bruggen, *O Antigo Texto do Novo Testamento*, pp. 27-28.

<sup>59</sup> Para um levantamento desta história do TR, consulte Hills, *A Defesa da Versão Rei Tiago*, pp. 193-208.

<sup>60</sup> Hills, *ibid.* p. 222. Isso ocorre porque há um “elevado grau de uniformidade que caracteriza o texto Bizantino (com frequente 100% de concordância entre os manuscritos!) ...”. Aland, *O Texto do Novo Testamento*, p. 331.

<sup>61</sup> Letis, *O Texto Majoritário*, p. 17.

todos os tempos: a saber, a Versão Autorizada (King James) de 1611<sup>62</sup>. Todas as versões inglesas, de 1881 em diante, tem rejeitado o TR e foram traduzidas a partir de algumas edições do TCM. A única exceção a isso é a *New King James Version*, que é baseada no TR<sup>63</sup>.

## O Texto Crítico Moderno

O TCM representa um texto grego impresso que é o resultado do trabalho de estudiosos textuais que vão desde Griesbach (1775) até Nestle-Aland (1979). O TCM é um texto eclético<sup>64</sup>; isso significa que ele é um texto que tem sido determinado por estudiosos que empregam certos “cânones” (regras) do criticismo textual<sup>65</sup> em uma base variante-por-variante para decidir a respeito de qual leitura entre as testemunhas disponíveis é considerada a verdadeira leitura do texto NT<sup>66</sup>. Portanto, o trabalho do crítico textual é centralizado na determinação do TCM. É por meio da habilidade do estudioso textual, na pesagem da evidência interna e externa, que o texto do Novo Testamento é

---

<sup>62</sup> O texto do NT da Versão Autorizada é baseado nas edições de Beza, particularmente a edição de 1598, e as duas edições finais de Stephanus. A Sociedade Bíblica Trinitariana publicou esta edição do TR, *O Novo Testamento: O Texto Grego Subjacente à Versão Inglesa Autorizada de 1611, o Que Corresponde ao Novo Testamento no Grego Original de Acordo com o Texto Seguido na Versão Autorizada*, editado por F. H. A. Scrivener (Cambridge, 1894).

<sup>63</sup> No entanto, os verdadeiros simpatizantes dos editores da NKJB, parecem estar **concordantes** com *O Novo Testamento Grego De Acordo Com o Texto Majoritário*, ed. por Hodges e Farstad. No prefácio à NKJB os editores afirmam: “Um grupo mais recente de eruditos do Novo Testamento está convencido de que o melhor guia para um texto Grego mais preciso é o consenso aproximado da maioria dos manuscritos Gregos. O texto Grego obtido utilizando esta regra é chamado Texto Majoritário, que é similar ao Texto Recebido. Em lugares importantes onde o Texto Majoritário ou o texto Alexandrino difere do Texto Recebido, as variantes são registradas em notas de rodapé”. É importante notar que tanto a NKJV quanto o Texto Majoritário são publicados pela Thomas Nelson.

<sup>64</sup> **eclético** - uma abordagem da crítica textual que tenta identificar o texto bíblico original não por observar qualquer manuscrito ou texto-escrita, mas, examinando todas as variantes disponíveis e decidindo entre elas.

<sup>65</sup> Os cânones básicos da moderna crítica textual são as seguintes: 1) a evidência externa dos manuscritos deve ser “pesada” (ou seja, de acordo com idade e texto-escrita) e não simplesmente contadas; 2) a leitura mais curta é a preferida; 3) a leitura mais difícil deve ser preferida; 4) a leitura que explica melhor as outras leituras é a preferida; 5) a leitura que é mais característica do autor deve ser preferida. Um momento de reflexão será suficiente para indicar a natureza altamente subjetiva desses cânones do criticismo.

<sup>66</sup> Para um olhar esclarecedor sobre os métodos usados pelos críticos modernos para estabelecer o TCM do NT ver Bruce M. Metzger, *Um Comentário Textual Sobre o Novo Testamento Grego* (Londres: United Bible Societies, 1970).

estabelecido. Conseqüentemente, a forma atual impressa do TCM (4ª ed UBS [UBS4] e a 27ª ed. Nestle-Aland [NA27]) foi decidida por um comitê de cinco eruditos textuais<sup>67</sup>.

O TCM, sendo um texto eclético, não é realmente o texto de qualquer tradição textual ou família; em vez disso, ele combina em uma **nova** leitura de texto as que foram originalmente encontradas nos manuscritos existentes de vários tipos de textos. No entanto, os críticos textuais que tem determinado o TCM concederam maior peso às leituras encontradas na família Alexandrina dos manuscritos. Estes textos são manuscritos Alexandrinos antigos (2º.-4º. séculos) que foram descobertos nos últimos duzentos anos. Eruditos textuais saudaram suas descobertas como um retorno a uma forma muito mais próxima do texto original do NT do que aquele preservado no texto Bizantino. Em consequência, o texto tradicional do NT (TR), que tinha estado em uso constante na igreja há mais de mil anos, foi condenado como sendo uma forma corrupta e secundária do texto do NT<sup>68</sup>. Devido a essa rejeição quase total do valor do texto Bizantino como testemunha aos autógrafos originais, os eruditos têm estabelecido o TCM com base em apenas 10-15% dos manuscritos disponíveis. No entanto, eles justificam esse fato potencialmente embaraçoso, alegando que eles estão usando os “melhores e mais antigos manuscritos”<sup>69</sup>.

Uma vez que o TCM é um texto produzido pelos críticos textuais que empregam um método eclético, o texto do TCM é um fluido e está sempre aberto à mudança<sup>70</sup>. Como novas e “melhores” teorias do texto são desenvolvidas e novos manuscritos são descobertos, o TCM tem de ser alterado para acomodar estes desenvolvimentos. O TCM, devido aos

---

<sup>67</sup> Enquanto o texto do TCM foi estabelecido por uma comissão de estudiosos, que muitas vezes tiveram de recorrer ao voto da maioria para determinar o texto, o texto da TR foi estabelecido pela *sua* tradição e uso pela igreja.

<sup>68</sup> Dois dos editores modernos do TCM manifestaram o seu total acordo com os seus acadêmicos predecessores, condenando o TR. Aland afirma que o texto Bizantino é “o mais recente e o mais pobre entre os vários tipos de texto do Novo Testamento”. *O Texto do Novo Testamento*, p. 4. Metzger declara que o TR é uma forma “degenerada” do texto do NT. Bruce M. Metzger, *O Texto do Novo Testamento*, 2ª Ed. (New York: Oxford University Press, 1968), p. 103.

<sup>69</sup> Que os mais antigos manuscritos existentes devem apresentar a forma mais pura do texto NT parece ser uma pressuposição inquestionável na moderna crítica textual do NT.

<sup>70</sup> Por exemplo, mais de quinhentas mudanças foram feitas entre a 2ª e a 3ª edição do *Novo Testamento Grego* da UBS.

pressupostos da moderna crítica textual, passará indubitavelmente por muitas (e talvez até mesmo radicais) revisões no futuro<sup>71</sup>.

A importância do TCM atual e de suas versões anteriores para estudantes da Bíblia em Inglês é que estas formaram a base da tradução do NT de todas as versões em inglês desde 1881 (exceto a NKJV). Isso significa, por exemplo, que a Revised Standard Version (*Versão Padrão Revisada*), a The New American Standard Bible (*Nova Bíblia Padrão Americana*), a Today's English Version (*Versão em Inglês Atual*), a New International Version (*Nova Versão Internacional*), e a English Standard Version (*Versão Padrão em Inglês*), são todas traduzidas do eclético TCM.

### ***Preservação Providencial e Crítica Textual***

Os atuais textos TR e TCM do NT Grego diferem significativamente em certos lugares. A questão que deve ser encarada por aqueles que amam a Palavra de Deus é esta: qual dessas duas formas de impressão do texto melhor preserva o texto verdadeiro e original do NT? Em relação à nossa discussão de versões em inglês, esta é uma questão crucial; uma versão confiável do NT deve ser traduzida a partir do autêntico texto Grego do NT. Mas, como é que vamos decidir esta questão? Como podemos corretamente julgar entre o TR e o TCM? Que **padrão** podemos aplicar e que irá resolver este litígio sobre o texto do NT? Como cristãos, o ponto de partida para todo pensamento nosso, em cada pergunta na vida, deve ser a doutrina revelada da Sagrada Escritura. Todos os “fatos” devem ser interpretados à luz da Escritura<sup>72</sup>. Portanto, a consistente abordagem cristã ao problema do

---

<sup>71</sup> Depois de Aland discutir o trabalho da comissão que produziu o TCM contido em NA26 e o UBS3, ele candidamente expressou sua visão sobre a natureza aberta da moderna crítica textual dizendo: “Claro, o novo texto em si não é uma entidade estática. Os membros do comitê editorial, bem como todas as outras pessoas responsáveis pela edição concordam com a **natureza** da tentativa desta publicação...Ela continuará sendo vista naquilo que serão **os próximos desenvolvimentos**” (grifo nosso). *O Texto do Novo Testamento*, p. 35.

<sup>72</sup> Como Cornelius Van Til apontou, não há fatos “neutros”. Todos os fatos são fatos interpretados, e eles são sempre interpretados de acordo com os pressupostos do intérprete. Portanto, defeituosas pré-suposições sempre conduzirão a uma má interpretação das provas e, assim, *induzirão* a conclusões errôneas. Isso vale para os fatos (dados) da história e da ciência, tanto quanto para com os fatos da crítica textual do

texto do NT é interpretar os fatos relativos ao texto, à luz dos padrões doutrinários da inspiração verbal e, especialmente, da preservação providencial. O texto Grego que será considerado a autêntica Palavra de Deus é o texto que carrega as marcas definidas e consistentes de ser o texto providencialmente preservado. Vamos agora julgar o TCM e o TR pelo padrão da verdade de Deus revelada, para que possamos determinar qual o texto deve ser considerado o genuíno texto das Escrituras.

### ***O Textus Receptus e Preservação Providencial***

O TR é o texto Grego que carrega as marcas de ser o texto do NT providencialmente preservado. Se acreditamos que a providência divina está controlando a história e a transmissão do texto inspirado do NT para que ele seja “mantido puro em todas as eras”, então a “lógica da fé”<sup>73</sup> nos leva a abraçar o TR com confiança, como a representação autêntica do texto autógrafa original do NT. Notemos essas evidências inconfundíveis de preservação divina exibidas pelo TR.

Primeiro, o TR é o texto que está preservado na grande maioria dos manuscritos gregos existentes (85-90%). Nesses milhares de manuscritos, Burgon lembra-nos, Deus em Sua sabedoria tem provido a igreja com abundante evidência externa “para o estabelecimento da verdade da Sua Palavra escrita”<sup>74</sup>. Mas de igual importância, em conjunto com a verdade da grande predominância do texto-escrita encontrado no TR, está a razão pela

---

NT. Consequentemente, assim como todos os cristãos ortodoxos insistem que os fatos da história e da ciência devem ser interpretados à luz das doutrinas da criação e da providência, por isso *também* insistimos em que os fatos da crítica textual do NT devem ser interpretados à luz das doutrinas da inspiração divina e da preservação das Escrituras.

<sup>73</sup> Hills, *A Defesa da Versão Rei Tiago*, p. 113. Edward Hills era um estudioso textual, Reformado, do NT que consistentemente aplicou os princípios da teologia reformada, especialmente o pressuposicionalismo à questão da crítica textual do NT. Para uma revisão da vida e trabalho de Hills, consulte Theodore P. Letis, *A Contribuição de Edward Freer Hills Para o Renascimento do Texto Eclesiástico*, *The Journal of Christian Reconstruction* 12 (1989). É conveniente neste ponto que eu livremente reconheça minha dívida pessoal para com o trabalho de ambos, *tanto* Montes *quanto* Letis. Foi através de seus escritos que eu, pela primeira vez, vi claramente a necessidade de se aplicar os princípios da teologia reformada à questão do texto do NT.

<sup>74</sup> John W. Burgon, *A Revisão Revisada* (Paradise, Pa: Conservative Classics, reprint, nd.), p. 56.

qual este texto-escrito aparece na grande maioria dos manuscritos existentes. O texto-escrito representado no TR é o texto que foi preservado e transmitido a nós pelo uso da igreja. E foi o texto usado pela igreja porque era o texto **reconhecido** pela Igreja como sendo a autêntica Palavra de Deus. O texto do TR não está, portanto, baseado nas teorias e nos votos dos eruditos textuais, mas sobre o testemunho claro e consistente da grande maioria dos manuscritos Gregos existentes – manuscritos que foram preservados para nós por causa de seu uso e *por sua* aceitação pela Igreja de língua Grega.

Em segundo lugar, o TR apresenta um texto do NT que é mais antigo e teologicamente superior ao TCM<sup>75</sup>. É também um texto que é conhecido pela sua “lucidez e integridade” e “totalmente irrepreensível, tanto no campo literário quanto no religioso, no que diz respeito à dicção vulgarizada ou indigna...”<sup>76</sup>. Em outras palavras, o TR é um texto antigo da mais alta qualidade.

Em terceiro lugar, o TR foi usado continuamente pela Igreja desde os dias da igreja primitiva até hoje. *E* porque o texto-escrito refletido no TR foi preferido e preservado nas igrejas, ele pode muito bem ser chamado *de* o “texto *da* igreja”. O TR representa o único texto do NT grego que tem estado em circulação e utilização na Igreja ao longo de toda a era da história da igreja. O TR é a **única** forma de texto que tem estado total e significativamente disponível à igreja em “todas as eras”.

Em quarto lugar, o TR foi a primeira forma impressa do NT grego a ser publicado. Erasmo produziu esta primeira edição, em 1516, usando manuscritos do texto Bizantino tradicional. O TR foi impresso, *desde então*, em cerca de 160 edições ao longo dos próximos 150 anos,<sup>77</sup> com cada edição imprimindo substancialmente o mesmo texto. O TR foi o único NT

---

<sup>75</sup> Mesmo o crítico do TR, Gordon Fee, admite que o TR geralmente contém “o texto teologicamente mais completo”. Gordon D. Fee, *The Journal of the Evangelical Theological Society* 21 (Março de 1978), p. 24.

<sup>76</sup> B. F. Westcott e F. J. A. Hort, *Introdução ao Novo Testamento No Grego Original* (Peabody, Ma.: Hendrickson Publishers, 1988, reprint of 1882 edition), pp. 134-135. Claro que, no raciocínio de Westcott e Hort, a lucidez e a integridade do texto Bizantino eram argumentos contra a sua autenticidade. O erudito moderno, Bruce Metzger, concorda completamente com a perspectiva de Westcott e Hort em relação à lucidez e integridade do TR. *Um Comentário Textual Sobre O Novo Testamento Grego*, pp. xx-xxi.

<sup>77</sup> Metzger, *ibid.*, P. XXIII.



Grego impresso disponível até Lachmann imprimir a primeira de suas duas edições do NT em 1831.

Em quinto lugar, e de especial importância para os protestantes, o TR foi o texto do NT usado por Deus para lançar a Reforma com seu grito de ***sola Scriptura!*** Como van Bruggen observa: “As igrejas da grande Reforma deliberadamente adotaram este texto antigo, quando eles tomaram o texto Grego como ponto de partida novamente”<sup>78</sup>. O TR forneceu a base textual para a pregação, a teologia, os credos e todas as traduções da Bíblia da Reforma. William Tyndale usou o TR na primeira tradução do Novo Testamento Grego para o Inglês.

Em sexto lugar, o TR foi reconhecido por todas as igrejas protestantes como o verdadeiro e infalível texto do NT, divinamente preservado. É por isso que veio a ser chamado de ***Textus Receptus***, ou, o “Texto Recebido”! O texto Bizantino que tinha estado em uso na Igreja Grega foi recebido pelas igrejas da Reforma como a Palavra de Deus inspirada e, assim, este texto “serviu como o padrão canônico protestante”<sup>79</sup> (uma posição que continuou sendo mantida por três séculos). Devido às doutrinas da inspiração e da preservação, a igreja da Reforma acreditava que Deus lhes tinha entregue a Sua Palavra infalível no TR. Em sua defesa do TR contra aqueles que tentaram minar sua autoridade, Owen, o grande Teólogo puritano, expressou sua fé na “pureza dos originais presentes da Escritura, ou melhor, nas cópias nas línguas originais, que a igreja de Deus possui agora e que tem por muitas eras apreciado como seu excelso tesouro...”<sup>80</sup>. Turretin, um dos grandes teólogos escolásticos protestantes, defendeu o texto Massorético e o TR contra os papistas que procuravam minar a doutrina do ***sola Scriptura*** por meio de suas alegações de que os textos originais das Escrituras eram tão corruptos que a autoridade da Igreja Romana e sua Vulgata Latina era tudo o

---

<sup>78</sup> van Bruggen, *O Antigo Texto do Novo Testamento*, p. 36.

<sup>79</sup> Letis, *O Texto Majoritário*, p. 17. Para uma excelente discussão sobre o status canônico da TR e a abordagem da Reforma Protestante à crítica textual ver os dois ensaios de Letis, “Theodore Beza e o Texto Crítico: Uma Visão Sobre a Abordagem do Século 16 ao Novo Testamento do Criticismo Textual”, e, “John Owen Versus Brian Walton: Uma Resposta Reformada Ao Nascimento do Criticismo Textual” (ibid., pp 113-190.).

<sup>80</sup> Owen, “A Integridade e a Pureza dos Textos Hebraico e Grego das Escrituras”, p. 353. Veja o Apêndice 2, para uma discussão mais completa da defesa do texto Massorético e do TR por Owen.

que restava. Em resposta a este ataque contra a autoridade das Escrituras, Turretin argumentou a partir da Escritura, que as doutrinas da inspiração e da preservação assegura-nos que a integridade das fontes originais não podem ser questionadas<sup>81</sup>. Turretin afirma a visão da igreja protestante, relativa à pureza do texto Massorético e do TR:

Pelos textos originais, não queremos dizer os autógrafos, escrito pela mão de Moisés, dos profetas, e dos apóstolos, os quais certamente *já não mais* existem hoje. Queremos dizer seus apógrafos, que são assim chamados porque eles foram estabelecidos para nós a Palavra de Deus, nas próprias palavras de quem escreveu sob a inspiração imediata do Espírito Santo<sup>82</sup>.

O Consenso da Fórmula Helvética (1675), que tem sido chamado de “o epítome<sup>83</sup> da teologia escolástica reformada”, confirmou as doutrinas da inspiração e da preservação, e, portanto, declarou o Texto Massorético VT e o TR “a regra única e completa de nossa fé e prática”<sup>84</sup>. E a mais excelente confissão doutrinária a sair da Reforma, A Confissão de Fé de Westminster (1646), foi solenemente declarada com base nas doutrinas da inspiração e da preservação, de que o Texto Massorético e o TR representavam a “autêntica” Palavra de Deus.

Em sétimo lugar, e de particular importância para os cristãos de língua Inglesa, o TR foi o texto usado pelos tradutores da Versão Autorizada (KJV). Esta versão em Inglês passou a ser reconhecida como a Versão

---

<sup>81</sup> Turretin argumenta: “Também não podemos facilmente acreditar que Deus, que ditou e inspirou cada palavra a estes inspirados (theopneustos) homens, não cuidaria de sua total preservação. Se os homens usam do máximo de cuidado e dedicação para preservar as suas palavras (especialmente se eles são de alguma importância, como por exemplo, um testamento ou um contrato), a fim de que não possam ser corrompidos, quanto mais, devemos supor que Deus iria cuidar da Sua palavra que pretende ser um testamento e selo de sua aliança conosco, de modo que não possa ser corrompida; especialmente quando Ele poderia facilmente prever e prevenir tais corrupções, a fim de estabelecer a fé de sua igreja?”. *Institutes of Elenctic Theology*, 1:71.

<sup>82</sup> *Ibid.*, 1: 106.

<sup>83</sup> **epítome** - um resumo, ou relato condensado, de algum assunto.

<sup>84</sup> Martin I. Klauber, “O Consenso da Fórmula Helvética (1675): Uma Introdução e Tradução”, *Trinity Jornal* 11NS (Primavera de 1990), pp 103-123.

Padrão em Inglês, e ela tem feito mais para moldar a igreja Inglesa do que todas as outras versões combinadas<sup>85</sup>.

Como podemos explicar todos esses fatos relativos ao TR? Como devemos interpretar a evidência, e a quais conclusões devemos chegar? Há realmente apenas uma conclusão para o cristão que crê na doutrina de que Deus “pelo seu singular cuidado e providência” manteve a Sua Palavra “pura em todas as eras”. A “lógica da fé” leva ao julgamento definitivo de que o TR é o verdadeiro texto do NT providencialmente preservado.

### ***O Texto Crítico Moderno e Preservação Providencial***

O TCM não se sai bem quando analisado pelo padrão doutrinário da preservação divina. O TCM não carrega as marcas da preservação providencial de Deus, mas sim, ele mostra sinais de fabricação humana por críticos textuais. A doutrina da Preservação e o TCM estão claramente em desacordo um contra o outro.

É possível acreditar na doutrina ortodoxa de preservação e acreditar que o TCM é um texto divinamente preservado? Bem, se a preservação divina é uma doutrina verdadeira, e **se** o TCM é o verdadeiro texto, então devemos crer que a providência de Deus produziu a pior e mais depravada forma do NT Grego (ou seja, o TR, como os proponentes do TCM assim o descrevem), para que ele fosse o texto preservado na esmagadora maioria dos manuscritos existentes; para ser o texto que é teologicamente superior; para ser o texto que tem estado em uso contínuo na igreja; para ser o texto que foi impresso e publicado pela primeira vez; para ser o texto que forneceu a base para a Reforma Protestante; para ser o texto que alcançou o status canônico; e para ser o texto que foi usado na versão Inglesa mais influente de todos os tempos. Por outro lado, **se** o TCM é o verdadeiro texto, somos

---

<sup>85</sup> A Versão Autorizada é um produto da Reforma, e reúne em uma versão excelente a melhor das versões que a precederam, ou seja, a tradução de Tyndale, a Bíblia de Coverdale, Bíblia de Matthew, a Grande Bíblia, e a Bíblia de Genebra. Todas estas traduções Inglesas da Reforma foram baseadas no TR.

obrigados a crer que por “cuidado e providência singular” o texto genuíno do NT foi o texto preservado por Deus em apenas um punhado de manuscritos existentes; foi o texto que era teologicamente inferior; foi o texto que foi perdido pela igreja por mais de mil anos; e foi o texto restaurado para a igreja através da utilização de princípios Iluministas de críticos textuais naturalistas e pelo voto da maioria dos eruditos!

O ponto é simplesmente este: enquanto a história e os fatos *relativos ao* TR são facilmente explicados pela referência à doutrina de preservação, a história e os fatos relativos ao TCM não são tão facilmente explicados. Talvez seja por isso que os defensores do TCM não contam com a doutrina da preservação de nenhuma maneira para estabelecer a validade de seu texto. Na verdade, eles parecem muito irritados e até indignados que alguém possa ser tão “carente de erudição” a ponto de apelar para a Teologia Bíblica em defesa do texto bíblico! Os defensores do TCM apelam apenas para a “evidência” e para os métodos da moderna crítica textual<sup>86</sup>. O ponto de vista da crítica moderna é que “o teológico, *a priori*, não tem lugar no criticismo textual”<sup>87</sup>. Mas a rejeição da doutrina da preservação<sup>88</sup> em favor dos

---

<sup>86</sup> Tudo o que se tem de fazer é ler qualquer obra de referência sobre crítica textual do NT escrito por aqueles que defendem o TCM para se observar que esses eruditos consideram as doutrinas da inspiração verbal e da preservação como sendo sem importância, irrelevante, ou até mesmo um obstáculo para se determinar o verdadeiro texto do NT. Na maior parte das suas obras, estas doutrinas não são sequer mencionadas. Por exemplo, Fee, um erudito evangélico que adere ao TCM, não faz referência à inspiração ou à preservação em todo o seu artigo sobre a crítica textual do NT. Gordon D. Fee, “A *Crítica Textual do Novo Testamento*”, em *The Expositor’s Bible Commentary*, ed. Frank E. Gaebelin (Grand Rapids: Zondervan Publishing Company, 1979), 1: 419-433.

<sup>87</sup> Daniel B. Wallace, “O *Texto Majoritário: História, Métodos e Crítica*”, *The Journal of the Evangelical Theological Society*, 37 (Junho de 1994), p. 204. Wallace acredita que a crítica textual é um assunto de inquérito histórico; e, a menos que se mantenha a fé e ortodoxia fora do quadro, não poderemos interpretar a evidência objetiva (ibid.). O que Wallace não consegue ver é que a sua posição de rejeitar categoricamente a fé e a ortodoxia pela disciplina da crítica textual não é uma visão objetiva da questão. A afirmação de que pressupostos teológicos sobre a natureza da Bíblia não têm lugar no trabalho de determinação do texto da Bíblia é em si uma posição teológica *a priori*. Ele assume que a Bíblia deve ser tratada como qualquer outro livro, e que a história e a transmissão do texto da Escritura só podem ser interpretadas de acordo com princípios científicos “neutros”. Estes são os pressupostos de um liberalismo teológico que nega a inspiração verbal da Bíblia. Tanto quanto sabemos, Wallace não é um teólogo liberal, mas um cristão conservador que crê na inspiração verbal. No entanto, o seu método de crítica textual não está em consonância com a ortodoxia, mas com heterodoxia. Alguém pode se questionar, se Wallace também argumenta que “o teológico, *a priori*, não tem lugar” no estudo da biologia, psicologia, ou história mundial. Wallace repreenderia o biólogo Cristão por abordar a questão da origem do homem com o pressuposto teológico da criação especial do homem por Deus no sexto dia? Será que ele repreenderia o psicólogo cristão por assumir o estado decaído do homem quando ele interpreta o comportamento humano? A Palavra de Deus diz que a

princípios científicos “neutros” da crítica textual conduzem a sérias consequências para a igreja.

O primeiro perigo associado ao TCM e a seus princípios naturalistas é que, havendo rejeitado o texto tradicional da Escritura que foi preferida pela igreja e confirmado por séculos de uso pelos fiéis, isso concede poder a um punhado de eruditos textuais a determinarem um novo texto da Escritura para a igreja. Por causa dos pressupostos dos críticos modernos, “o texto de séculos é substituído pelo texto de ontem”,<sup>89</sup> e alguns poucos eruditos reclamam para si a autoridade de dar à Igreja um “melhor” texto do NT. R. J. Rushdoony declara sabiamente:

Considere o que acontece quando o texto recebido é anulado e eruditos nos dão a sua reconstrução do texto. A verdade da revelação, dessa forma, passa da mão de Deus para as mãos dos homens. Os eruditos, então, estabelecem a verdadeira leitura em termos de suas pressuposições... A negação do Texto Recebido permite que o erudito brinque de *ser um* deus acima de Deus. A determinação da palavra correta é agora província e tarefa do erudito. O Espírito Santo não é mais o doador e o preservador do texto bíblico: é o erudito, o erudito textual<sup>90</sup>.

Rushdoony continua:

A crença histórica dos cristãos tem sido de que o Deus que deu a Palavra preservou a Palavra. Esta é a doutrina da preservação da Palavra de Deus. A Palavra concede a direta e autêntica Palavra de Deus. Agora preservação tem um novo significado. Os eruditos bíblicos asseguram que a palavra deles é uma palavra de restauração, de modo que a preservação exige sua palavra reparadora. O Deus triúno é substituído

---

Escritura é totalmente suficiente para equipar os cristãos para toda boa obra. E acreditamos que isso inclui o bom trabalho da crítica textual, isto é, determinar o verdadeiro texto. O ponto de partida para a *consideração* da crítica textual cristã devem ser as doutrinas reveladas da inspiração e preservação.

<sup>88</sup> Veja Edward F. Hills, *Believing Bible Study*, 3<sup>rd</sup> ed. (Des Moines: Christian Research Press, 1991), pp 36-38, para uma discussão de como certos eruditos conservadores em vão procuram conciliar a preservação com o criticismo textual naturalista.

<sup>89</sup> van Bruggen, *O Antigo Texto do Novo Testamento*, p. 11.

<sup>90</sup>Rousas J. Rushdoony, “O Problema do Texto Recebido”, *The Journal of Christian Reconstruction* 12 (1989), p. 8.

por homens eruditos. Assim, a negação do Texto Recebido não é pequena coisa. Ela repousa sobre uma revolução religiosa com implicações de longo alcance. Isto significa que muitos homens de Teologia Reformada e Arminianas, que professam as doutrinas ortodoxas de suas comunhões, se mantêm pressionados para uma posição que mina sua fé. Não deveria surpreender-nos que os seminários e os eruditos bíblicos têm, por gerações, conduzidos suas igrejas a diversas formas de humanismo. Ao brincar de *ser um deus* acima de Deus, eles começam com a essência do pecado original e do humanismo, o homem como seu próprio deus, determinando a validade de tudo, incluindo a Palavra de Deus, para si mesmo (Gn 3:15). Na verdade, eles dizem: “É assim que Deus disse?” (Gen 3:1) do melhor da Escritura. A questão do Texto Recebido não é, portanto, pequena coisa, nem uma das únicas preocupações acadêmicas. A fé está em jogo<sup>91</sup>. -

O segundo perigo associado com o TCM é que os racionalismos, os princípios Iluministas da moderna crítica textual, conduzem ao ceticismo a respeito do texto da Escritura<sup>92</sup>. Em razão da tarefa de se estabelecer o texto verdadeiro do NT não ser abordada a partir da perspectiva da fé na preservação da Palavra de Deus pela Sua providencia Divina, mas a partir da perspectiva da ciência “neutra” (incredulidade?), não se pode nunca mais ter nenhuma certeza a respeito do verdadeiro texto da Escritura. Uma vez que o TCM é determinado pela razão autônoma<sup>93</sup> do homem, ele sofre o mesmo destino que atinge toda busca humana de conhecimento que estabelece a autoridade da razão do homem acima da autoridade das Escrituras: incerteza e relativismo. O texto da Escritura está agora relacionado às teorias mais recentes e as mudanças de opiniões dos eruditos textuais. O mar de

---

<sup>91</sup> Ibid., P. 9.

<sup>92</sup> Para uma boa discussão sobre a natureza cética da crítica textual do NT, consulte Hills, “A Defesa da Versão Rei Tiago” pp. 62-86. Hills conclui: “Na medida em que a recuperação do texto original do Novo Testamento está em voga, o pessimismo é a ordem do dia. Como G. Zuntz (1953) observa, ‘o otimismo dos editores anteriores, deu lugar aquele ceticismo que se inclina considerando o ‘texto original’ como sendo uma miragem inatingível” (ibid., P. 67).

<sup>93</sup> **autônomo** - ser independente no exercício da autoridade; direito de auto-governo; livre de controle externo e constrangimento.

incerteza em que os críticos naturalistas nadam é ilustrado pelas palavras de Eldon Jay Epp:

Uma resposta ao fato de que os nossos textos críticos populares ainda estão tão próximo ao de Westcott-Hort pode ser que o tipo de texto que chegou por meio deles e apoiado tão amplamente por subsequente criticismo é, de fato, e sem dúvida, o melhor texto NT que se pode atingir; Ainda que cada crítico textual saiba que essa semelhança de texto indica, pelo contrário, que fizemos pouco progresso na *teoria* textual desde Westcott-Hort; que ***nós simplesmente não sabemos como fazer uma definitiva determinação de qual é o melhor texto***; que não temos uma imagem clara da transmissão e alteração do texto nos primeiros séculos; e, por conseguinte, que o tipo de texto de Westcott-Hort tem mantido a sua posição dominante em grande parte por esta ausência<sup>94</sup>.

O ceticismo inerente à moderna crítica textual também é exemplificada na definição de Soulen *a respeito* do criticismo textual:

A função e a finalidade da CT [crítica textual] são de dupla natureza: (1) reconstruir a redação original do texto bíblico; e (2) estabelecer a história da transmissão do texto ao longo dos séculos. O primeiro destes dois objetivos é, de fato, hipotético e inatingível. Em todos os casos, a cópia original (chamado de autógrafo) dos livros da Bíblia está perdida, portanto, cada reconstrução é uma questão de conjectura<sup>95</sup>.

Aqueles que usam o TCM ou uma versão em Inglês baseada no TCM estão, por essa utilização, dando parecer favorável ao presente ceticismo quanto ao texto do NT. Eles estão usando um NT que é resultado de conjectura acadêmica<sup>96</sup> e estão, com efeito, concordando que o texto

---

<sup>94</sup> Eldon Jay Epp, “*The Twentieth Century Interlude in New Testament Textual Criticism*”, *The Journal of Biblical Literature*, 93 (Setembro de 1974), pp. 390-391 (grifo nosso).

<sup>95</sup> Richard N. Soulen, *Handbook of Biblical Criticism* (Atlanta. John Knox Press, 1976), p. 161 (grifo nosso).

<sup>96</sup> Qualquer um que deseje negar isso deve primeiro estudar “*Um Comentário Textual do Novo Testamento Grego*”, de Metzger. Neste trabalho, Metzger nos informa que o texto das edições atuais do TCM foi muitas vezes determinado por “uma maioria da comissão”, que “julgou”, “interpretou”, “preferiu”, “pensou”, “considerou”, “supôs”, ou “decidiu” que certa

autêntico do NT não foi providencialmente preservado no TR. Assim, tudo o que eles podem esperar é uma reconstrução hipotética do texto *feita* por homens. Aqueles que rejeitam “a lógica da fé” em matéria textual e *rejeitam* ao TR são conduzidos e deixados com um texto do NT que é hesitante, incerto, e relativo à evolução das opiniões dos eruditos textuais. Assim, eles muitas vezes são deixados com a pergunta incômoda sobre o seu texto NT, “Foi assim que Deus disse...?” Aqueles que confiam no TCM e de bom grado substituem o TR, que foi recebido durante séculos pela Igreja como a Palavra verbalmente inspirada por Deus possuindo autoridade canônica, pelo texto de ontem que foi construído por eruditos só podem dizer “que o novo texto representa o melhor que pode ser alcançado no estado atual de conhecimento”<sup>97</sup>. A verdade é *que*:

As recentes edições impressas do Novo Testamento Grego [TCM], que podemos comprar, *nos oferecem* um texto que nunca existiu como um manuscrito do Novo Testamento. Todos estes textos são *apenas* reconstruções, com base na escolha de seus editores, *sobre* leituras de manuscritos que tinham à sua disposição, ou que eles escolheram se concentrar<sup>98</sup>.

Os acadêmicos conservadores que aderirem ao TCM e aos princípios críticos textuais em que ele se baseia, muitas vezes tentam esconder o ceticismo inerente à sua posição dizendo que nenhuma grande doutrina é afetada pela rejeição do TR em favor do TCM. Isto, no entanto, não é verdade. Doutrina é afetada (embora, possa ocorrer de *alguma* doutrina não ficar inteiramente perdida) quando o TR é posto de lado a favor do TCM. Nossa capacidade de defender a fé é enfraquecida quando usamos o TCM e seu texto teologicamente inferior. Mas, ainda mais importante do que

---

leitura era preferível a uma leitura concorrente. Também é de interesse para o usuário do TCM, por exemplo, *saber* que, das 454 seletas variantes escolhidas para o aparato da 3ª. edição da UBS, no texto grego de João, Romanos e Atos, o comitê *formado por* cinco eruditos, a respeito da exatidão das leituras que eles escolheram, tiveram um “considerável grau de dúvida” 204 vezes, e um “grau muito alto de dúvida” 39 vezes!

<sup>97</sup> Aland, *O Texto do Novo Testamento*, p. 34.

<sup>98</sup> J. K. Elliott, “O Texto Original do Novo Testamento em Grego”, *Fax Theologica* 8 (1988), p. 6. Como citado por Theodore Letis, “O Texto Eclesiástico Revivido?” Em “Uma Fé Compreensiva”, ed. Andrew Sandlin (San Jose: Amigos de Calcedônia, 1996), p. 41.



isso, as doutrinas da inspiração verbal e da preservação providencial são perigosamente minadas pelo TCM e pelos seus princípios textuais<sup>99</sup>.

A doutrina da inspiração verbal perde o seu pleno significado quando se diz que ninguém pode ter certeza sobre a atual **redação** do original; e que devemos nos contentar em apenas saber que nenhuma doutrina essencial foi perdida. Parece que, então, de acordo com os eruditos que promovem o TCM, não podemos afirmar a inspiração **verbal** de nosso presente texto NT, mas só podemos afirmar que o seu ensino ou conceitos são inspirados. Owen, em resposta àqueles que defenderiam o presente conhecimento do texto do NT ao ponto de afirmar que ele preserva apenas as doutrinas essenciais da Escritura, diz:

Mas diminuir a verdade sagrada dos originais em tal condição, em que eles devam ficar na necessidade deste pedido de desculpas... irá por fim ser achada como uma obra imprópria ao Cristão, divino Protestante. Além do prejuízo causado por este meio à providência de Deus para a Sua Igreja, e aos cuidados de Sua Palavra, não será encontrada tão fácil substância, sobre a suposição de tal corrupção nos originais como é invocado, a demonstrar, sem dúvida, que o todo preservado da própria doutrina, como primeiramente dado de Deus, continua inteiro e incorrupto. A natureza desta doutrina é tal, que não há nenhum outro princípio ou meio de sua descoberta, nenhuma outra regra ou medida para julgarmos e determinarmos qualquer coisa sobre, ou que lhe diz respeito, mas somente que a escrita de onde *a revelação* é

---

<sup>99</sup> O erudito liberal do NT, Frederick Grant, usa o ceticismo moderno relativo à redação atual do texto bíblico para atacar insolentemente a doutrina da inspiração verbal: “a crítica textual é tanto um ciência quanto uma arte; mas é antes de tudo uma ciência. Ao mesmo tempo, a incerteza do texto é suficiente para acabar *de uma vez por todas* com a ideia antiquada de inspiração ‘verbal’ e de uma ‘letra’ infalível da Escritura. Se, digamos, cinco ou dez por cento da linguagem da Bíblia pode ser ligeiramente diferente do seu original, embora não suficiente para trazer qualquer doutrina cristã à causa, é suficiente para destruir um literalismo bibliolátra. A incerteza, até mesmo de um décimo de um por cento, deve significar o fim da infalibilidade”. Frederick C. Grant, *Traduzindo a Bíblia* (Greenwich: A Seabury Press, 1961), p. 122. A negação da inspiração verbal e a infalibilidade *por* Grant é herética; mas para Grant, que adere ao TCM e aos seus princípios textuais, é uma dedução lógica e sã. A declaração de Grant ilustra graficamente como os naturalistas do criticismo textual, com a sua rejeição dos pressupostos teológicos ortodoxos e seus métodos e sua exclusiva dependência da razão autônoma do homem, minam a fé da Igreja em um texto providencialmente preservado e verbalmente inspirado.

retirada, sendo o *conteúdo* total de revelação divina, e que esta revelação esteja apenas *contida* naquela escrita. Em caso de qualquer corrupção, então, aí se supõe, não há meios de reverter isso... Em coisas de pura revelação – cujo conhecimento depende unicamente de sua revelação – não é... suficiente para nos satisfazer, que as doutrinas são preservadas por inteiro; cada til e iota na Palavra de Deus deve estar sob nosso cuidado e consideração, como sendo, como tal, vindos de Deus<sup>100</sup>.

O padrão doutrinário da preservação providencial divina da Palavra de Deus nos leva a rejeitar o TCM como uma representação muitas vezes corrupta e desonesta do original Grego do NT divinamente inspirado, e nos leva a aceitar com confiança o TR como o texto canônico autêntico das Escrituras do NT<sup>101</sup>. Portanto, apenas as versões em Inglês que são baseados nos texto Massorético, no AT, e no TR, no NT, devem ser consideradas traduções de confiança da Palavra de Deus. Qualquer versão em Inglês que é baseada em outros além destes textos tradicionais devem ser julgados como traduções que muitas vezes corrompem a Palavra de Deus e minam a fé da Igreja na providência de Deus e na pureza presente dos nossos textos da Escritura.

---

<sup>100</sup> Owen, *O Original Divino*, pp. 302-303. Turretin dá uma resposta semelhante em seus *Institutes of Elenctic Theology*, p. 71.

<sup>101</sup> Embora existam algumas pequenas variações nas edições do TR, e embora possa haver alguma necessidade de revisão menor no TR, isso não deve afetar de forma alguma a nossa posição como a da Igreja da Reforma em reconhecer o TR como o texto providencialmente preservado e sobre a sua autoridade canônica. A doutrina da preservação deve levar-nos a aceitar o TR reverentemente como a inspirada Palavra de Deus e tratar este texto com grande cuidado.

## Conclusão

O propósito deste livro tem sido o de demonstrar que existe um padrão objetivo e autoritativo que permitirá à Igreja de língua Inglesa julgar entre as muitas versões em inglês e determinar a tradução mais fiel e confiável da Sagrada Escritura em Inglês. Na primeira parte do livro, esta norma foi definida como sendo as doutrinas bíblicas que têm relação direta com as questões de tradução da Bíblia. Como em todas as coisas, a regra da Igreja deve ser sempre ***sola Scriptura!*** As duas principais doutrinas que devem servir como padrão, para o julgamento das traduções, foram identificadas como sendo as doutrinas da inspiração verbal plenária e a doutrina da preservação providencial. Na segunda e terceira parte do livro, nós aplicamos estas doutrinas às questões da filosofia tradução e criticismo textual e concluímos que apenas as versões traduzidas pelo método de equivalência formal e traduzidos a partir dos textos tradicionais da Sagrada Escritura – o texto Massorético, no VT, e o ***Textus Receptus***, no NT – devem ser considerados fiéis e confiáveis versões em Inglês. Resta-nos aplicar estas conclusões às específicas versões em Inglês e determinar qual versão é a melhor e mais confiável Versão em Inglês disponível.

De acordo com os padrões doutrinários de inspiração verbal e providencial Preservação, é evidente que as seguintes versões são relativamente pouco confiáveis, porque muitas vezes deturpam o original Hebraico e Grego, corrompendo a Palavra de Deus:

*A American Standard Version*, porque se baseia no TCM;

*A Revised Standard Version*, porque se baseia no TCM;

*A New American Standard Version*, porque se baseia no TCM;

*A Jerusalem Bible*, porque se baseia no TCM e ED;

*A New English Bible*, porque se baseia no TCM e ED;

*A New American Bible*, porque se baseia no TCM;

*A Living Bible*, porque se baseia no TCM e ED;

A *Today's English Version*, porque se baseia no TCM e ED;  
A *Revised English Version*, porque se baseia no TCM e ED;  
A *New International Version* porque se baseia no TCM e ED;  
A *New Revised Standard Version* porque se baseia no TCM;  
A *Contemporary English Version*, porque se baseia no TCM e ED;  
A *God's Word version*, porque se baseia no TCM e ED;  
A *New Living Translation*, porque se baseia no TCM e ED;  
A *English Standard Version*, porque se baseia no TCM;  
A *Holman Christian Standard Bible*, porque se baseia no TCM<sup>102</sup>.

Deve notar-se que essas versões que são baseadas em ambos TCM e ED devem ser consideradas como as de **menor** de confiança de todas.

É de particular importância observar que a *New International Version* (Nova Versão Internacional) é considerada uma das menos confiáveis. Um alerta especial é dado *a respeito da NVI*, porque é, atualmente, a versão em Inglês *best-seller*, muito popular e a mais vendida. Muitas igrejas estão adotando esta versão para seus cultos públicos, *bem* como muitos cristãos para seu uso pessoal. Este é verdadeiramente um desenvolvimento alarmante, e demonstra o quanto a igreja de fala Inglesa se afastou das doutrinas da Reforma. É ainda outra evidência do declínio da igreja e da crescente influência do modernismo e do liberalismo em muitas de nossas igrejas evangélicas e reformadas.

Mas qual versão é a melhor? Qual versão deveria ser considerada a versão padrão em Inglês? Qual Bíblia deve guiar a igreja de língua Inglesa que se destina a aplicar toda a Bíblia em *todos os aspectos* da vida? Os padrões doutrinários de inspiração verbal e providencial preservação conduzem à conclusão de que a Versão Autorizada (King James 1611) é

---

<sup>102</sup> A *Holman Christian Standard Bible* segue uma filosofia de tradução chamada "equivalência ideal". Este método parece ser um compromisso essencial entre EF e ED. Portanto, não é tão confiável quanto às traduções EF mais literais e não tão interpretativa como algumas traduções ED.

**a melhor e mais confiável** versão em Inglês da Sagrada Escritura<sup>103</sup>. A versão Autorizada está firmemente baseada nos textos tradicionais, providencialmente preservados originais da Escritura (o texto Massorético e o *Textus Receptus*), e é uma excelente tradução por equivalência formal<sup>104</sup>; portanto, deveria ser recebida como uma verdadeira e fiel apresentação da Palavra de Deus em Inglês. Nenhuma outra versão pode superar ou mesmo igualar a fidelidade da Versão Autorizada para *com* a forma do original: a sua qualidade em Inglês, sua integridade e a sua lealdade para com os textos tradicionais; sua espiritualidade, sua confiabilidade, e seu uso eclesiástico<sup>105</sup>. Hills resume muito bem: “A Versão King James (Autorizada) é uma tradução exata do *Textus Receptus*. Deus colocou o selo de Sua aprovação sobre ela através do longo e continuado uso por parte dos fiéis de língua Inglesa. Assim, ela deve ser usada e defendida pelos cristãos que creem na Bíblia”<sup>106</sup>.

O objetivo deste livro tem sido o de estabelecer que há um padrão para se julgar entre versões em inglês. Esperamos que ele tenha mostrado que a preferência pessoal (autonomia) como um padrão normativo na escolha de

---

<sup>103</sup> Nenhuma reivindicação é feita aqui para a absoluta perfeição da Versão Autorizada, e nós não a estamos colocando no mesmo nível de autoridade que os originais em Grego e Hebraico das Escrituras. Tudo o que estamos dizendo é que a versão Autorizada é a representação mais fiel, mais precisa e mais autoritária da Palavra de Deus em Inglês e que ela pode ser totalmente confiável por aqueles que leem a Bíblia em Inglês. Ela deve ser considerada a versão padrão em Inglês. Estamos basicamente de acordo com a posição da Sociedade Bíblica Trinitariana, em relação à Versão Autorizada: “Enquanto perfeição não é reivindicada para a Versão Autorizada (conhecido em alguns países como a *King James Version*), ou para qualquer outra versão, sabe-se que os tradutores da Versão Autorizada reconheceram a inspiração divina, a autoridade e a infalibilidade das Escrituras Sagradas, e o uso fecundo de sua tradução por cerca de 400 anos é a evidência da bênção do Senhor sobre o seu trabalho. É a tradução mais exata e mais confiável disponível em Inglês...”

<sup>104</sup> *A New King James Version*, que pretende ser uma revisão da AV, também é baseada no TR e em EF. Como tal, é muito mais confiável do que as outras versões modernas. No entanto, porque a sua tradução não parece ser a mais fiel; porque apresenta notas textuais que lançam dúvidas sobre a verdadeira redação do texto NT; e porque apresenta a leitura do TCM como tendo de igual importância a do TR, a NKJB não pode ser considerada superior ou mesmo igual a AV. Para uma mais detalhada comparação da AV com a NKJV, ver da Sociedade Bíblica Trinitariana o artigo de revisão No. 110, “*O Que o Cristão de Hoje Precisa Saber Sobre a New King James Version*”, de G. W. e D. E. Anderson, 1995. Eles concluem seu artigo dizendo: “A Sociedade Bíblica Trinitariana acredita que a NKJV tem problemas gramaticais e de tradução significativos e não é uma melhora completa e adequada sobre a excelência e a autoridade da AV. A NKJB remove muito daquela excelência na versão mais antiga e, portanto, não alcança o mesmo nível de precisão que pode ser encontrada na Versão Autorizada da Bíblia” (ibid., P. 22).

<sup>105</sup> Ver van Bruggen, *O Futuro da Bíblia*, 97-142 pp., Para uma excelente discussão dessas características de uma tradução confiável.

<sup>106</sup> Hills, *A Defesa da Versão King James*, p. 112.

uma tradução é tão errada e rebelde quanto as preferências pessoais como um padrão normativo em fazer escolhas éticas. Hills legitimamente pede aos cristãos, “De onde, oh de onde, querido irmão ou irmã, você retirou a ideia de que cabe a você decidir qual versão da Bíblia você receberá como sendo a santa Palavra de Deus”<sup>107</sup>; no que diz respeito a esta decisão, “Isso já foi decidido por você pela atuação da providência especial de Deus. Se você ignorar essa providência e optar por adotar uma das versões modernas, você estará dando o primeiro passo na lógica da incredulidade”<sup>108</sup>. Quanto à questão das traduções Inglesas da Bíblia, a pergunta “Por qual padrão?”, alcança o cerne da nossa fé. E é por isso que esta é uma questão tão vital para hoje.

O abandono da Versão Autorizada em favor de uma das versões modernas é realmente um grave desvio das doutrinas da inspiração verbal e da preservação providencial. Trata-se, no final, de um afastamento da Palavra de Deus; aqueles que usam uma versão moderna estão fazendo uso de uma versão que tem sido influenciada pelos princípios do modernismo; e esses princípios muitas vezes levam a uma corrupção da Escritura e deixa o cristão, em muitos lugares, com a palavra do homem, em vez da Palavra de Deus. Mas aqueles que usam a Versão Autorizada podem ter certeza de que eles têm a autêntica Palavra de Deus em Inglês.

Praza a Deus *fazer* retornar a igreja de língua Inglesa para a utilização da Versão Autorizada como a Bíblia padrão em Inglês<sup>109</sup>. Se deve ocorrer uma

---

<sup>107</sup> Ibid., P. 243.

<sup>108</sup> Ibid.

<sup>109</sup> Alguns acreditam que a linguagem “arcaica” e as palavras obsoletas fazem da Versão Autorizada uma Bíblia inaceitável para hoje. No entanto, a dificuldade de algumas palavras do idioma na AV não é realmente tão grande como certas pessoas *procuram* fazer que seja. Com o mínimo de esforço, este “problema” pode ser superado (mas, infelizmente, muitos cristãos modernos não estão dispostos a realizar tal esforço mínimo!). Para uma discussão útil de como as palavras obsoletas na AV poderiam ser tratadas, e sobre a questão da revisão da AV com o objetivo de atualizar o seu idioma, consulte Hills, *ibid.*, Pp. 217-219, e Hills, *Believing Bible Study*, pp. 83-87. A Sociedade Bíblica Trinitariana sugere que, “O problema do vocabulário obsoleto poderia no futuro ser parcialmente resolvido ... pela inserção de renderizações alternativas, como um glossário ou na margem, para um número de palavras que possa ser muito dificilmente encontrado por um leitor que não está familiarizado com o uso do Inglês clássico. O tamanho do problema tem sido muitas vezes muito exagerado”. Andrew J. Brown, *The Word of God Among All Nations* (London: The Trinitarian Bible Society, 1981), p. 119.

nova Reforma entre as pessoas de língua Inglesa, ela terá de começar com um retorno à fé e à teologia da Reforma e à Bíblia em Inglês, que essa fé tem produzido: a Versão Autorizada – uma tradução *por* EF superior do texto original, verbalmente inspirado e providencialmente preservado, da Sagrada Escritura.

## **APÊNDICES**



## Apêndice 1: A Defesa Dos Textos Tradicionais Por John Owen

O tratado de John Owen, *Da Integridade e Da Pureza dos Textos Hebraico e Grego da Escritura*<sup>110</sup>, é uma importante obra que dá à Igreja uma forte defesa teológica do texto Massorético e do *Textus Receptus*. O fato de que esse discurso de Owen (1616-1683), o mais proeminente teólogo Congregacionista Puritano, é praticamente desconhecido e não *tem sido* lido nos nossos dias – mesmo por cristãos Reformados – é um aguçado indicador da rendição da igreja aos princípios do Iluminismo naturalista do criticismo textual. Para ajudar a resolver esta capitulação<sup>111</sup> vergonhosa, expor os nossos leitores à obra de Owen, e para reforçar o argumento apresentado no corpo principal do livro, este apêndice visa proporcionar uma visão geral do valioso tratado de Owen<sup>112</sup>.

A imediata ocasião do tratado de Owen foi a publicação da *Polyglot Bible (Bíblia Poliglota)*<sup>113</sup>, editada por Brian Walton em Londres (1655-1657), que imprimiu o texto Hebraico e Grego original, juntamente com várias versões e traduções antigas, e incluiu uma Apêndice (vol. 6) que listava todas as variantes do NT que Walton e seus ajudantes puderam acumular. O contexto mais amplo, para se entender o livro de Owen, é a tentativa pela Igreja Católica Romana de minar e desacreditar a doutrina Protestante do *sola Scriptura*, apontando para as variantes nos manuscritos gregos existentes como evidência de que o NT Grego (o TR) era muito corrupto para ser considerado autoritário. O objetivo dos romanistas foi o de pôr abaixo toda a confiança nos originais em Hebraico e Grego das Escrituras, para que

---

<sup>110</sup> John Owen, “*Da Integridade e Da Pureza dos Textos Hebraico e Grego da Escritura*”, em *Os Trabalhos de John Owen*, 16 vols., (Edinburgh The Banner of Truth Trust, edição de reimpressão, 1968) 16:345-421. Para um ensaio superior sobre este trabalho realizado por John Owen, o leitor é fortemente encorajado a ver Theodore P. Letis, “*John Owen Versus Brian Walton: Uma Resposta Reformada Ao Nascimento do Criticismo Textual*”, em *O Texto Majoritário: Ensaios e Resenhas No Debate Contínuo*, ed. Theodore P. Letis (Grand Rapids: Instituto de Estudos Bíblicos Textuais, 1987), pp 145-190.. Letis faz um bom trabalho ao explicar o contexto histórico e teológico do livro de Owen e ao resumir o seu conteúdo; seu ensaio é uma “leitura obrigatória”.

<sup>111</sup> **capitulação** - o ato de entrega, de rendição, ou de deixar de resistir a um adversário.

<sup>112</sup> Espera-se que o leitor será motivado a ler o tratado de Owen por si mesmo, particularmente as páginas 347-370.

<sup>113</sup> **Poliglota** - uma coleção de versões da Bíblia em diferentes idiomas.

pudessem restabelecer a autoridade da sua igreja e da Vulgata Latina e, assim, inviabilizar a Reforma; seus meios escolhidos para *tentar* realizar esse efeito nefasto foi a disciplina do criticismo textual<sup>114</sup>. A resposta de Owen à *Bíblia* Poliglota de Walton, o inimigo Anglicano e amargo dos Puritanos, e ao ataque romano ao ***sola Scriptura*** (um ataque que o trabalho de Walton implicitamente apoiou), é muito relevante ao ataque à autoridade das Escrituras que está implícito nos métodos e resultados da prática Iluminista moderna do criticismo textual.

Owen acreditava que o ponto de partida para o cristão, ao lidar com a questão dos textos originais da Escritura, não deve ser encontrado nos princípios “neutros” da crítica textual determinados pela razão do homem, mas nas doutrinas reveladas da inspiração verbal e da preservação providencial. Ele estabelece as bases para a discussão da crítica textual e para sua defesa da pureza dos textos originais das Escrituras, que foram considerados os textos canônicos padronizados pela Igreja Protestante na época (ou seja, o Texto Massorético e o TR), afirmando:

A soma do que estou defendendo, como fundamento especial a ser vindicado, é, de que **como as Escrituras do Antigo e do Novo Testamento foram imediatamente e totalmente entregues pelo próprio Deus, Sua mente sendo nelas representada a nós sem a menor interveniência<sup>115</sup> de tais meios e modos que fossem capazes de aplicar mudança ou alteração ao menor iota ou *a menor sílaba*; assim, pela Sua boa e misericordiosa dispensação providencial, em Seu amor à Sua Palavra e à igreja, toda a Sua Palavra, como ela foi primeiramente entregue por Ele, está preservada a nós por inteiro nas línguas originais; onde, reluzindo em sua própria beleza e brilho (como também em todas as traduções, na medida em que representam fielmente os originais), ela se manifesta e se evidencia à**

---

<sup>114</sup> Como pode ser visto, a prática da crítica textual nunca foi uma empresa neutra, mas tem-se baseado em pressupostos teológicos definidos e tem sido dirigida para determinados fins!

<sup>115</sup> **interveniência** – uma intervenção; um acesso à *determinada* situação, a fim de influenciar os fatos ou acontecimentos.

**consciência dos homens, sem outro tipo de ajuda ou assistência externa, a sua autoridade e origem divina<sup>116</sup>.**

Owen é claro sobre o assunto do criticismo textual: devemos pressupor a inspiração e a preservação das Escrituras, se quisermos interpretar a evidência corretamente. De acordo com Owen, o teológico, *a priori*, não tem um lugar na crítica textual do texto bíblico!

Tendo afirmado seus pressupostos teológicos, Owen vai imediatamente imprimir a importância dessas doutrinas para a igreja. Ele diz,

Agora, as várias afirmações ou proposições contidas nesta posição são para mim essas verdades importantes, que não devem causar culpa ao meu próprio espírito nem, eu espero, a quaisquer outros, ao lutarmos por elas, julgando-as peças fundamentais da fé uma vez entregue aos santos; e, embora algumas delas possam parecer menos importantes do que outras, mas elas estão de tal forma, concatenadas<sup>117</sup> entre si, que pela remoção ou destruição de qualquer uma delas, o nosso interesse pelas outras é totalmente removido. Isso, seguramente, irá garantir que a persuasão de que o surgimento da Palavra vinda imediatamente de Deus, como a defendemos, é o fundamento de toda a nossa fé, esperança e obediência. Mas isso, *pelo que* eu oro, irá assegurar-nos de que Deus fez isso uma vez *por todas ao* entregar a Sua Palavra, se não estivermos certos também de que aquela Palavra entregue tem sido, pelo Seu especial cuidado e providência, conservada *por* inteira e *de forma* incorrupta a nós, ou por acaso, ela mesma não evidencia e manifesta a si mesma como sendo a Sua Palavra, tendo sido assim preservada? Bem-aventurados, podemos dizer, foram aqueles nas eras passadas, receberam a Palavra de Deus em seu poder e pureza inquestionáveis, quando ela brilhou em sua própria luz nativa e gloriosa, e estava livre dos defeitos e corrupções que, através do padrão dos homens em um longo intervalo de tempo, tem sido contraditada; mas, para nós que não sabemos bem onde poderíamos

---

<sup>116</sup> Owen, “*Da Integridade e Da Pureza dos Textos Hebraico e Grego da Escritura*”, pp. 349-350 (ênfase dele).

<sup>117</sup> **concatenada** – conectadas, como os elos de uma corrente.

estabelecer uma base segura ao se acreditar que este livro é como qualquer outro e apenas contém o que é deixado para nós como *sendo* a Palavra de Sua, isso tornaria impossível que alguma vez tivéssemos certeza de que qualquer palavra ou expressão individual seja de Deus ou não. Aparte-se de um bom homem tais pensamentos, de que Deus, cuja aliança com a Sua Igreja é a de que a Sua Palavra e Seu Espírito jamais se apartarão dela (Isa. LIX. 21, Matt. v. 18, 1 Pet. I. 25, 1 Cor. XI. 23, Matt. XXVIII. 20), tenha deixado tais incertezas sobre as coisas que são a base de toda a fé e obediência que Ele requer de nossas mãos<sup>118</sup>.

Após ele estabelecer o quadro teológico para a interpretação da evidência, Owen, em seguida, expressa seu horror de que qualquer erudito “Cristão” avançaria na noção de que a transmissão do texto bíblico surgiu da mesma forma que qualquer outro livro. Os comentários de Owen sobre este ponto são muito instrutivos porque a ideia de que a Bíblia deva ser tratada como qualquer livro comum, em consideração ao seu criticismo textual, e que, portanto, os mesmos princípios “científicos neutros” devem ser aplicados, é o cerne do método Iluminista do criticismo textual que reina hoje entre os críticos do NT e eruditos bíblicos. Para Owen, a doutrina da preservação exige o reconhecimento da “forma extraordinária”, com a qual o texto bíblico foi transmitido. Owen alega que:

Pelos primeiros transcritores dos exemplares originais, e por aqueles que, em séculos subsequentes fizeram o trabalho a partir deles, mediante os quais tenham sido propagados e continuados até nós, em uma subserviência<sup>119</sup> à providência e promessa de Deus, não dizemos, como em vão *nos* acusam Morinus e Cappellus, que eram todos eles ou qualquer um deles *anamartetoi* e *theopneustoi*, “infalíveis e divinamente inspirados”, de modo que foi impossível para eles em nada se confundirem. Sabe-se, é certo, que ocorreram falhas entre eles, e que vários léxicos [leituras ou variantes] dali surgiram; *sobre* os quais, depois se *debruçaram com*

---

<sup>118</sup> Ibid, p. 350.

<sup>119</sup> **subserviência** - servindo como um meio para um *determinado* fim, ou *finalidade*.

religioso cuidado e diligência em seu trabalho, com a devida reverência *para com* Aquele a Quem eles tinham que *isso* fazer, é tudo o que nós atribuímos a eles. Não reconhecemos isto livremente neles, *a não ser que haja* evidência clara e inquestionável do contrário, *ou seja*, de sua alta ausência de caridade, impiedade, e ingratidão. Este cuidado e diligência, nós afirmamos, em uma subserviência à promessa e providência de Deus, é que produziu o efeito pelo qual disputavam; nem qualquer coisa mais que isso é necessário. Nesta argumentação, como alguns fazem, dos erros e enganos dos homens, sua oscitação<sup>120</sup> e negligência em transcrever os autores pagãos antigos, Homer, Aristóteles, Tully, pensamos que isso não seria tolerável em um cristão, ou em qualquer um que tivesse a menor ideia da natureza e importância da Palavra, ou do cuidado de Deus para com a Sua Igreja. Devemos pensar que os homens que escreveram os livros em que eles e outros não estavam mais preocupados do que se é possível *a não ser* nos *próprios* homens e nos escritos das pessoas mencionadas, e outros como eles, tiveram tanta razão para serem cuidadosos e diligentes nos que eles faziam *enquanto que* aqueles que sabiam e consideravam que cada letra e til que eles estavam transcrevendo era parte da Palavra do grande Deus, e que isso era concernente a eternidade de suas próprias almas e das almas dos outros, mentiram? Certamente, o que quer que possa ser observado a partir do cuidado religioso e diligência de homens debruçados sob um amoroso e cuidadoso aspecto da promessa e da providência de Deus, deve ser justamente o que se esperava deles e do trabalho realizado por eles. No entanto, estamos prontos a confessar todas as suas falhas que possam ser provadas. Afirmar *isso*, neste caso, sem qualquer prova, é *algo muito* prejudicial.

Os judeus têm um ditado comum entre eles – que *diz* “alterar uma letra da lei não é menos pecado do que lançar o mundo inteiro no fogo”; e devemos pensar que, ao transcreverem *os originais da Bíblia*, muitos não tomaram mais cuidado do que *qualquer* homem tomaria ao transcrever

---

<sup>120</sup> **oscitação** - sonolência manifestada por bocejos.

Aristóteles ou Platão, que por muito pouca porção no mundo *inteiro* de bom grado tem feito *grande* esforço a fim de tornar o trabalho de ambos *acessíveis*? Considerando que a Palavra a ser transcrita *incluía* cada iota ou til dela, a Palavra do grande Deus; que o que foi escrito, e como está escrito, foi proposto como *sendo* Sua, a partir d’Ele; que, se eventuais deficiências aconteceram, sob inumeráveis olhares dos homens, envolvendo sua *própria* condição eterna mentir *sobre* aquela Palavra, tendo se debruçado abertamente sobre elas a fim de descobri-la, e *havendo* milhares de cópias existentes a experimentá-lo; e tudo isso sendo conhecido e confessado por todo aquele que empreendeu este trabalho – e não é algo difícil de provar todo cuidado e diligência em extirpar *este perfil* dos escribas comuns dos autores pagãos. A verdade é que estas são coisas prodigiosas que estão relacionadas à diligência exata e ao cuidado reverencial dos antigos judeus neste trabalho, especialmente quando a eles foi confiada a cópia a ser uma regra para o julgamento e padrão de outras cópias privadas<sup>121</sup>.

Owen delinea sua discussão sobre a transmissão dos textos bíblicos até a sua finalização, rejeitando enfaticamente a visão de que a questão da história da comunicação dos textos originais é estritamente uma questão de investigação histórica e que a doutrina da preservação providencial deve ser mantida totalmente fora de cogitação. Ele afirma:

Isto pode, então, ser afirmado sem nenhum *traço* de probabilidade (ainda que eu ainda encontre alguns homens instruídos e muito livres em suas concessões), a saber, que o mesmo fato *se fez presente* na Escritura em sua transcrição como se tem feito em outros livros. Deixe-me dizer, sem ofensa, que esta imaginação, afirmada em deliberação, parece-me que beira o ateísmo. Certamente a promessa de Deus *a respeito* da preservação de Sua Palavra, com Seu amor e cuidado pela Sua Igreja, de cuja fé e obediência de que a Sua Palavra é a única regra, requer outros pensamentos em nossas mãos<sup>122</sup>.

---

<sup>121</sup> Ibid., Pp. 355-356.

<sup>122</sup> Ibid., P. 357.

Owen, em seguida, estabelece doze proposições que descrevem a maneira com a qual ele acreditava que a providência divina havia operado para garantir que a Escritura fosse “conservada pura em todas as eras”:

1. A providência de Deus em cuidar de Sua Palavra, que Ele engrandeceu acima de tudo o seu nome, como o produto mais glorioso de sua sabedoria e bondade, Seu grande interesse nesta Palavra respondendo a Sua promessa para este propósito;
2. A assistência religiosa da igreja (não falo da sinagoga Romana), a quem estes oráculos de Deus foram comissionados;
3. Os cuidados dos primeiros escritores, fornecendo cópias autênticas do que tinham recebido de Deus a muitos, que podem ser as regras para as primeiras transcrições;
4. Os multiplicadores das cópias para um número tal que seria impossível para qualquer um deles corrompê-las todas, intencionalmente ou por negligência;
5. A preservação das cópias autenticadas, em primeiro lugar nas sinagogas Judaicas, em seguida, nas assembleias Cristãs, com reverência e diligência;
6. A leitura diária e estudo da Palavra por todos os tipos de pessoas, desde a sua primeira escrita, tornando cada alteração passível de observação imediata e descoberta, e isso em todo o mundo;
7. A consideração dos muitos milhões que enxergavam em cada letra e til neste livro como a sua herança, a qual em todo mundo eles não estariam privados de: e, em particular, do Antigo Testamento (agora mais questionado [isto é, nos dias de Owen]);
8. O cuidado de Esdras e de seus companheiros, os homens da grande sinagoga, na restauração da Escritura à sua pureza quando eles haviam se encontrado com o maior julgamento que eles nunca haviam sofrido neste mundo, considerando a escassez das cópias então existentes;
9. O cuidado dos Massoretas de seus dias e daí por diante, em mantê-la perfeita e dar conta de cada sílaba na Escritura...
10. O consentimento constante de todas as cópias em todo o mundo, de modo que, como os entendidos homens diversas vezes tem observado, não há em toda Mishná, Guemará, ou mesmo Talmud, qualquer um lugar da

Escritura encontrado outra forma de leitura do que aquela que está agora em nossas cópias; 11. A segurança que temos de que não há erros que foram voluntariamente, ou por negligência, trazidos ao texto antes da vinda de nosso Salvador, Quem declara todas as coisas, em que Ele não apenas uma vez reprovou os Judeus a respeito disso, quando ainda por suas falsas interpretações sobre a Palavra, Ele não os poupou; 12. Depois a observância plena com as quais as duas nações de Judeus e Cristãos tinham sempre uma sobre a outra – com coisas diversas de importância semelhante, possa para tal fim insistirmos<sup>123</sup>.

Devido a este maravilhoso trabalho da providência divina na preservação do texto bíblico, Owen e os reformadores estavam convencidos da “pureza das atuais cópias dos originais da Escritura, ou melhor, cópias nas línguas originais, que a Igreja de Deus possui agora as quais tem sido por muitas eras apreciadas como seu maior tesouro...”<sup>124</sup> Ele confiadamente afirmou “que **toda a Escritura**, por inteira como foi concedida da parte de Deus, sem qualquer perda, está preservada nas *cópias dos originais* ainda restantes ... Nelas todas, dizemos nós, cada letra e til da Palavra.”<sup>125</sup> Por causa da “preservação providencial de todo o livro de Deus ... nós podemos ter plena certeza de que podemos desfrutar de toda a revelação de Sua vontade nas permanentes cópias entre nós ...”<sup>126</sup> Certamente, “cada letra e til da Palavra de Deus permanece nas cópias conservadas em Sua providência misericordiosa para o uso de sua igreja.”<sup>127</sup> Quando Owen fala das “cópias dos originais preservados para a igreja por Deus”, ele está se referindo aos manuscritos do texto Bizantino do NT e do texto Massorético do VT. Portanto, por estas declarações Owen está defendendo a pureza e autoridade do texto TR e Massorético e está rejeitando a ideia de que seja adequado alterar esses textos recebidos por *meio de* conjectura humana, e por *meio de*

---

<sup>123</sup> Ibid., P. 358.

<sup>124</sup> Ibid., P. 353.

<sup>125</sup> Ibid., P. 357.

<sup>126</sup> Ibid., P. 367.

<sup>127</sup> Ibid., P. 359.



leituras de códices obviamente corruptos<sup>128</sup> (tal como o codex D), e por *meio de* leituras que diferem do “consentimento concomitante de ... todos os outros que são existentes no mundo”<sup>129</sup> (ou seja, a partir do consentimento dos manuscritos da família textual Bizantina), ou por *meio de* traduções do texto bíblico. Para Owen e *para* a Igreja Reformada, os textos recebidos comuns das Escrituras eram o único padrão de verdade para se julgar doutrinas, traduções, ou variantes textuais. Owen afirma:

Lembremo-nos que as cópias vulgares<sup>130</sup> que usamos estiveram em posse pública por muitas gerações - que até a invenção da imprensa estiveram em *posição de* autoridade real em todo o mundo que utilizava e compreendia aquela linguagem... deixemos que, em seguida, elas passem a ser o padrão, que é confessadamente seu direito devido ...<sup>131</sup>

Letis aponta que “Owen estava convocando a uma visão **canônica** do texto, ou o texto como cânone, pelo qual se avaliaria variantes - mas as variantes providencialmente preservadas, na forma canônica dos textos da Escritura”<sup>132</sup> .

Owen compreendeu totalmente o grave perigo para a autoridade das Escrituras, se a doutrina da preservação providencial fosse posta de lado e com ela a visão canônica dos textos originais. Ele, como um bom Calvinista, sabia da “ vaidade, curiosidade, orgulho e maldade do coração do homem”<sup>133</sup>, e que a ousadia dos críticos em atacar o texto recebido pela reunião e publicação de variantes deste texto não era primariamente devido a um desejo de dar à igreja um texto melhor, mas, em vez disso publicá-los *apenas* como evidência de sua própria erudição e diligência. Mais significativamente, Owen viu que esta rejeição da doutrina da preservação e da aceitação da suposição de que os textos recebidos eram corruptos foi teologicamente motivado, e que essa premissa levaria a todos os tipos de

---

<sup>128</sup> **codex ou códices** (pl.) - a forma de livro, em oposição a um rolo, de um antigo manuscrito.

<sup>129</sup> Ibid., P. 366.

<sup>130</sup> **vulgar** - de linguagem comum.

<sup>131</sup> Ibid.

<sup>132</sup> Letis, “*John Owen Versus Brian Walton: Uma Resposta Reformada para o Nascimento do Criticismo Textual*”, p. 161.

<sup>133</sup> Owen, “*A Integridade e a Pureza dos Textos Hebraico e Grego das Escrituras*”, p. 363.

malícia e ser utilizada como o principal instrumento de Satanás para a deposição das almas de muitos. Owen declarou:

Que uso tem sido feito, e é ainda feito, no mundo, desta suposição, que corrupções tenham destituído os originais da Escritura, como essas diferentes leituras à primeira vista parecem aprofundar, eu não preciso declarar. É, em resumo: a fundação de Mohamedanismo (Alcorão. Azoar. 5), a líder e principal apoiadora do papado, a única pretensão dos **anti-escripturalistas** fanáticos, e a raiz do muito oculto ateísmo no mundo. Atualmente, tem sido enviado a mim por uma pessoa muito erudita, em nosso discurso sobre este assunto, um tratado em Inglês com o título latino de “*Fides Divinia*”, em que o seu autor sem nome, sobre a mesma fundação, trabalha para everter<sup>134</sup> e totalmente inutilizar toda a Escritura. O quão longe e o quão fortalecido ele poderá ser em sua infidelidade pela consideração dessas coisas [ou seja, a suposta corrupção dos originais] o tempo irá se manifestar<sup>135</sup>.

Certamente, diz Owen, a suposição de que os textos recebidos são corruptos serão:

...como um motor adequado para a destruição das verdades importantes, antes defendidas [i.e., inspiração verbal e preservação providencial], e como uma arma ajustada e posta nas mãos dos homens de mentes e princípios ateístas, tais como nesta era abunda, além disto, a opor-se a toda evidência da verdade revelada na Escritura. Temo, que alguns, mesmo o falso **infalível** juiz [a Igreja Romana] ou a **profundidade do ateísmo**, serão encontrados deitados na porta destas considerações<sup>136</sup>.

Owen, ao contrário de seus descendentes Reformados de hoje, estava bem ciente das questões teológicas em jogo no criticismo textual dos textos em língua original da Bíblia. Ele tinha testemunhado em primeira mão a maneira pela qual os católicos romanos atacaram a autoridade das Escrituras por meio do criticismo textual. Ele disse: “Papistas têm lavrado com a novilha

---

<sup>134</sup> **everter** – causar destruição, tornar em ruína, demolir, derribar, pôr abaixo.

<sup>135</sup> Ibid., P. 348.

<sup>136</sup> Ibid., Pp. 352-353.

deles *a fim de* depreciar<sup>137</sup> o original, e promover a sua Vulgata Latina”<sup>138</sup>. Ele também acreditava que os princípios naturalistas do criticismo textual, que punham de lado a preservação e os textos canônicos da Reforma e procuravam indicar a corrupção desses textos, minaram a doutrina da *Sola Scriptura*, e trabalharam “para amedrontar pobres almas instáveis aos braços do falso guia infalível”<sup>139</sup>. Owen, solenemente, advertiu a Igreja Protestante: “Viemos de Roma sob a condução da pureza dos originais; Eu não desejo que ninguém tenha uma mente voltada para lá novamente sob o pretexto de sua **corrupção**”<sup>140</sup>.

A crítica textual da Bíblia nunca foi e nunca será um empreendimento neutro, realizado por estudiosos que querem apenas conhecer os “fatos”. Na verdade, todos os críticos textuais abordam o assunto com pressuposições definidas sobre a natureza da Escritura e quanto ao seu *locus*<sup>141</sup> de autoridade para determinar o verdadeiro texto. O trabalho de Owen nos ajuda a compreender que há realmente apenas três abordagens para a crítica textual dos textos originais das Escrituras: 1) a abordagem Protestante, que pressupõe a autoridade das Escrituras para delimitar o verdadeiro texto por meio das doutrinas da divina inspiração e preservação; 2) a abordagem católica romana, que pressupõe a autoridade da Igreja Romana para definir o texto da Escritura por meio do pronunciamento do Papa ou Concílios; e, 3) a abordagem “*anti-escripturalista*” (ou “ateísta”), com a pressuposta autoridade da razão do homem para determinar o texto do Bíblia de acordo com o método científico.

Em nossos dias, o terceiro método reina supremo entre ambos os liberais e eruditos evangélicos – embora muitos daqueles *que estão* agarrados a este sistema ficariam indignados por ter o seu método “erudito” rotulado como abordagem “*anti-escripturalista*” ou abordagem “ateísta” ao criticismo textual,

---

<sup>137</sup> **depreciar** – representar algo como sendo de pouco valor; rebaixar o valor, a qualidade, a virtude de algo; desprezar.

<sup>138</sup> Ibid., P. 362.

<sup>139</sup> Ibid., P. 365.

<sup>140</sup> Ibid., P. 370.

<sup>141</sup> **locus** - lugar em que algo está situado; *hoje, por seu acurado significado, define um lugar específico onde um gene se localiza em seu cromossomo.*

mas é inegável que sua metodologia é naturalista *em seu* âmago. Este método surgiu durante a era do Iluminismo (o período entre o fim do século 17 e *início* do século 18), quando os homens tentaram destituir a autoridade da revelação de Deus nas Escrituras e substituí-la pela autoridade absoluta da razão humana. O Iluminismo defendia a autonomia humana integral e o poder do intelecto do homem para estabelecer a verdade e a moralidade. Os eruditos da Bíblia aplicaram essa perspectiva à crítica textual; conseqüentemente, eles rejeitaram as doutrinas da Inspiração Verbal e a Preservação Providencial (ou pelo menos as consideram irrelevantes para a tarefa da crítica textual), declararam que a Bíblia deve ser tratada como qualquer outro livro, e estabeleceram certos cânones de criticismo que devem ser utilizados para determinar o verdadeiro texto. Esses eruditos foram inflexíveis em sua crença de que o TR era uma forma corrupta e degradada do texto NT e estavam unidos em seu objetivo de “destronar” o texto canônico protestante e substituí-lo por um de sua própria criação. Os resultados desta abordagem Iluminista (“*anti-escripturalista*”) à crítica textual podem ser vistos hoje nas edições do NT Grego N-A e UBS. É sobre estas edições que as modernas traduções inglesas do NT se baseiam.

Mas o tratado de Owen nos desafia a ver o Iluminismo do moderno criticismo textual como ele realmente é. Owen conclama a igreja a se voltar da crítica textual para abordagem Reformada e Protestante e aos textos canônicos da Reforma: Texto Massorético da VT e o *Textus Receptus* do NT. A recuperação da abordagem Reformada, que se baseia nos fundamentos teológicos da inspiração verbal e *da* preservação providencial, permitirá à igreja destituir as doentias (humanistas) teorias e métodos da crítica textual moderna. Liberto das garras naturalistas da crítica textual<sup>142</sup> a

---

<sup>142</sup> O Criticismo Textual moderno tem um grande dilema em suas mãos. Por um lado, ele se esforça para reconstruir o texto autógrafa original da Escritura. No entanto, por outro lado, ele acredita que a reconstrução real dos autógrafos é “uma miragem inatingível”. Os críticos textuais naturalistas modernos estão, portanto, trabalhando para atingir o que eles acreditam que é inatingível! Todo do seu esforço erudito é empregado em reconstruir algo que eles acreditam que não podem reconstruir e descobrir algo que não poderiam reconhecer mesmo que eles pudessem descobri-lo. A “missão” dos críticos textuais em descobrir o texto original histórico das Escrituras é semelhante à “busca” dos críticos liberais para encontrar o “Jesus histórico”. A igreja deve repudiar essas duas missões fúteis, juntamente com as antibíblicas pré-suposições que os motivam, e repousar nas palavras e doutrinas reveladas nas Escrituras entregues à igreja pela boa providência de Deus.

igreja confessará mais uma vez sua fé na pureza dos textos originais das Escrituras que foram recebidos durante séculos como a autêntica Palavra de Deus; a igreja vai substituir o ceticismo do texto de ontem (isto é, o TCM) pela certeza do texto de séculos (ou seja, o TR e o Texto Massorético); a igreja voltará a ter uma visão “canônica” do texto original, em vez da atual visão “não se pode saber com certeza” *qual é o texto*.

A recuperação da visão Reformada confessional da preservação providencial de Deus das Escrituras como ensinado por Owen é necessária se a Igreja deseja continuar com a tarefa de cumprir a Grande Comissão de discipular as nações. Se estamos construindo o reino de Deus em terras pagãs e reconstruindo o reino de Deus naquelas terras onde a igreja uma vez floresceu, só podemos fazer isso no alicerce seguro da fé na pureza dos nossos textos presentes da Escritura. Andrew Sandlin coloca isso muito bem: “[Se] esperamos reconstruir a civilização Cristã sobre a Bíblia, nós devemos abraçar uma compreensão da Bíblia que garanta a sua inspiração verbal e *sua* infalibilidade ... Nós não podemos esperar reconstruir a civilização Cristã a parte de uma Bíblia inspirada verbalmente e sobre *a qual temos tal confiança*”. <sup>143</sup>

---

<sup>143</sup> Andrew Sandlin, “A Visão Reconstrucionista da Escritura”, *Chalcedon Report* 367 (Fevereiro de 1996), p. 4.

## Apêndice 2: O Erro “*King James Only*”

Neste livro “*Traduções Inglesas da Bíblia: Por Qual Padrão?*” temos argumentado a favor da superioridade da Versão Autorizada (KJV) da Bíblia em Inglês sobre todas as outras traduções inglesas antigas e modernas da Bíblia. Temos estabelecido *que*:

Os padrões doutrinários de inspiração verbal e da preservação providencial conduzem à conclusão de que a Versão Autorizada (King James) é a melhor e mais confiável versão em Inglês da Sagrada Escritura. A Versão Autorizada está firmemente baseada nos textos originais tradicionais, providencialmente preservados da Escritura (o texto Massorético e o *Textus Receptus*), e é uma excelente tradução equivalente formal; portanto, ela deve ser recebida como uma verdadeira e fiel apresentação da Palavra de Deus em Inglês. Nenhuma outra versão pode superar ou mesmo igualar a fidelidade da Versão Autorizada à forma do original; sua qualidade em Inglês; sua integralidade; a sua lealdade para com os textos tradicionais; sua espiritualidade; sua *posição* autoritativa; e seu uso eclesiástico.

Sobre esta base, temos conclamado a igreja de língua Inglesa a retornar à VA (ou seja, à KJV) como a Bíblia padrão em Inglês, a usar esta Bíblia em sua leitura pública e pregação, e a exortar os membros da igreja “a usarem a Versão Autorizada em suas casas e a trazerem esta Bíblia aos serviços públicos e reuniões da igreja”.

Essa postura comedida, mas definitiva sobre o assunto das traduções da Bíblia em Inglês, será compreendida por muitos, sem dúvida, como sendo uma variedade do que é chamada de posição “*King James Only*”. No entanto, tal conclusão seria falsa e baseada em um mal-entendido sobre a posição tomada neste livro. Portanto, para nos certificarmos de que não seremos confundidos como tendo um ponto de vista “*KJV only*”, este apêndice indicará de forma resumida a nossa perspectiva global sobre a KJV em relação aos

textos da Escritura em língua original, para as confissões das igrejas Reformadas Inglesa, e para outras traduções para o inglês.

A revelação de Deus foi dada no Antigo Testamento em Hebraico e no NT em Grego. Portanto, esses textos originais asseguram um lugar único no plano de Deus e mantém uma posição de autoridade suprema na igreja. Todas as versões da Bíblia, sejam elas antigas (por exemplo, em Siríaco, em Copta, em Latim, em Armênio), ou modernas (por exemplo, em Alemão, em Holandês, em Francês, em Inglês), são baseadas em e traduzidas a partir do original em Grego e Hebraico das Escrituras. Por isso, todas as traduções da Bíblia estão subordinadas ao texto Hebraico e Grego, porque é a partir desses textos originais que elas derivam sua existência e autoridade. Sem a existência prévia das Escrituras originalmente inspiradas em Hebraico e Grego, elas não poderiam existir e não teriam *absolutamente* nenhuma autoridade. A fidelidade de uma tradução da Bíblia aos textos originais determina a qualidade da tradução. A tradução é boa ou ruim, dependendo de sua adesão ao texto e ao significado do original. Consequentemente, uma tradução da Bíblia é a Palavra infalível e toda-suficiente de Deus na medida em que ela está de acordo com o texto do original Hebraico e Grego das Escrituras, na palavra, na estrutura gramatical e no significado.

Porque a KJV é uma tradução excelente dos textos originalmente inspirados e providencialmente preservados da Sagrada Escritura (o texto Massorético do Hebraico VT e o Texto Recebido Grego do NT), ela é uma versão confiável e autoritária. Na verdade, quando todas as coisas são consideradas e quando todas as versões disponíveis em inglês são julgadas com base nas doutrinas da inspiração verbal e da preservação providencial, a KJV comprova-se superior a todas as outras versões. Portanto, a posição tomada neste livro é a de que ela deve ser considerada **o padrão** da Bíblia em Inglês. No entanto, não importa quão elevada nós consideremos a KJV, ela ainda está subordinada ao texto Massorético do AT em Hebraico e ao Texto Recebido em Grego do NT, sobre os quais ela se baseia.

Esta perspectiva sobre a autoridade final dos textos da Escritura em língua original é a posição tomada nas principais confissões doutrinárias daqueles que aderiram à fé reformada no mundo de fala Inglesa. A **Confissão de Fé de Westminster**, a **Declaração de Savoy**, e a **Confissão de Fé Batista de Londres** (1689), todas contêm a seguinte declaração:

O Antigo Testamento em hebraico (que era a língua vernácula do povo de Deus na antiguidade), e o Novo Testamento em grego (que em sua época era a língua mais conhecida entre as nações), tendo sido diretamente inspirados por Deus e, pelo seu singular cuidado e providência, conservados puros no correr dos séculos, são, portanto, autênticos, de maneira que, em toda controvérsia de natureza religiosa, a Igreja deve apelar para eles como palavra final.

Esta confissão doutrinária afirma três coisas muito importantes sobre o AT Hebraico e o NT Grego. Em primeiro lugar, estes textos (e só esses) são imediatamente (diretamente) inspirados por Deus. O milagre da inspiração se aplica somente aos escritos originais dos homens que escreveram o AT Hebraico e o NT Grego. A qualidade da inspiração está presente nas traduções, mas apenas na medida em que a tradução *encontra-se* em conformidade com os textos da Escritura nas línguas originais.

Em segundo lugar, esses textos imediatamente inspirados foram mantidos puros em todas as eras pelo trabalho sobrenatural de preservação divina. O Deus que inspirou os escritos originais não tem permitido que esses escritos sejam perdidos, mas tem exercido tal cuidado sobre sua transmissão que eles estiveram disponíveis na sua pureza essencial em todas as épocas. Portanto, as traduções das Escrituras são fiéis à Palavra de Deus na medida em que elas são baseadas nos textos Hebraico e Grego, providencialmente preservados.

Em terceiro lugar os originais imediatamente inspirados, providencialmente preservados das Escrituras em Hebraico e Grego, são o Tribunal de última instância da igreja. Isso não significa que as traduções não têm autoridade e nem que a igreja não deverá correr até elas para decidir a



verdade de Deus. O que significa é que as traduções, tão boas e fiéis como elas possam ser, ainda estão subordinadas aos originais em que se baseiam. Porque uma tradução pode errar aqui e ali, ou não apresentar a Palavra de Deus com a mesma clareza que os textos originais, a doutrina e a prática da igreja deve fundamentalmente descansar nos textos providencialmente preservados em Hebraico e Grego da Escritura.

Esta confissão doutrinal importante na inspiração, preservação e autoridade do original bíblico Hebraico e Grego, fornece um apoio significativo à perspectiva sobre traduções da Bíblia proclamadas no presente livro: as doutrinas da inspiração verbal-plenária e da preservação providencial são a base para se julgar a fidelidade de uma tradução à palavra originalmente inspirada por Deus. Inspiração verbal leva à equivalência formal como o método de tradução. A preservação providencial conduz aos textos recebidos, eclesiásticos, textos na língua original do Antigo e do Novo Testamento como base para a tradução. Porque a KJV é uma tradução formal equivalente dos textos recebidos e canônicos da Escritura da Igreja, ela é uma tradução autorizada que deve ser usada e defendida por cristãos crentes na Bíblia. Nenhuma das traduções modernas mantém, na teoria ou na prática, as confissões doutrinárias da Igreja Reformada de língua Inglesa, assim como a KJV *mantém*.

A postura confessional sobre a autoridade final dos originais em Grego e Hebraico das Escrituras está em desacordo com o campo da “*KJV only*” – onde alguns afirmam que a KJV é imediatamente inspirada (ou seja, os tradutores da Bíblia King James foram inspirados da mesma maneira que os autores bíblicos foram inspirados). Alguns chegam a afirmar que o texto da KJV é superior aos textos existentes das Escrituras Grega e Hebraica. Tais pontos de vista são heréticos por natureza e têm a sua origem na imaginação dos homens.

Além disso, o lugar da KJV na história da Bíblia em Inglês e sua relação às versões anteriores em inglês é um fator que é muitas vezes ignorado pelos defensores da posição “*KJV only*”. A KJV não apareceu em um vácuo, nem é sua linguagem o único produto dos homens que produziram esta versão. A KJV ergue-se na linha das grandes traduções inglesas da época da Reforma,

que se iniciou com o excelente trabalho de William Tyndale e continuou através da Bíblia de Genebra, a antecessora direta da KJV. O objetivo dos tradutores da Bíblia King James não era a de fazerem uma nova tradução, mas construir sobre os trabalhos daqueles que vieram antes deles. Aqui é como eles definiram seu trabalho em seu prefácio da KJV “Tradutores Ao Leitor”:

Mas é hora de deixá-los, e mostrar em breve o que nos propusemos a nós mesmos, e claro que realizamos, nesta nossa leitura da Bíblia. Verdadeiramente, bom leitor cristão, que nunca pensamos desde o início que nós precisaríamos fazer uma nova tradução, nem mesmo fazê-la de uma má ou boa *tradução*... mas, fazer de uma *muito* boa, ou de muitas melhores uma principal, não simplesmente uma exceção *que lhe seja* contrária, esse tem sido o nosso esforço, esta nossa marca.

A “*muito* boa” que eles tinham em mente era a Bíblia de Genebra, e o fato é que a KJV assume uma grande parte do texto de Genebra. Ao fazê-lo, eles foram incorporando muito do trabalho original da Tyndale, *isso* porque a própria Bíblia de Genebra baseia-se em grande parte sobre Tyndale. William Tyndale e os tradutores da Bíblia de Genebra estavam operando sobre os mesmos pressupostos teológicos da inspiração, preservação e traduções, como estavam os homens que produziram a KJV. Todos eles foram guiados pela mesma teologia bíblica e pela mesma providência divina, e todos eles traduziram de acordo com o método da equivalência formal, *partindo* dos mesmos textos originais recebidos em Grego e Hebraico. Em consequência disso, suas versões, embora não idênticas, eram essencialmente as mesmas. O lugar único da KJV é aquele da pedra angular dos esforços da era da Reforma em traduzir a Bíblia para o Inglês. Os tradutores da Bíblia King James tiveram uma série de fatores a seu favor, o principal é que eles puderam estar sobre os ombros daqueles que vieram antes deles. Como tal, a KJV superou essas versões anteriores; e, na providência de Deus, veio a ser reconhecida como a melhor Bíblia em Inglês devido ao seu próprio mérito intrínseco.

Em conclusão, então, a posição tomada neste livro não é *aquela* que é muitas vezes chamada de visão “*KJV only*” e é, de fato, oposta à perspectiva “*KJV only*”. A visão apresentada aqui **não é** que a KJV é a *única* representação da Palavra de Deus em Inglês (por exemplo, acreditamos que a Bíblia de Genebra também é a Palavra de Deus em Inglês), mas que, em todas as coisas consideradas, a KJV é **a melhor**. A KJV (como são todas as versões) é subordinada ao texto Massorético do AT e ao texto Bizantino do NT. Há **apenas uma autoridade final** na igreja – os textos nas línguas originais, imediatamente inspirados e providencialmente preservados da Bíblia.

A visão defendida aqui em “***Traduções Inglesas da Bíblia***” é baseada na teologia e nas confissões da Igreja Reformada em matéria de inspiração, preservação e tradução da Bíblia. Você poderia dizer que nós tomamos uma **visão confessional** da tradução da Bíblia neste livro, e que este ponto de vista confessional nos leva à conclusão de que a KJV é a versão mais fiel e autoritativa da Bíblia em Inglês.

### **Apêndice 3: Uma Amostra da Política de Traduções da Bíblia na Igreja**

A declaração a seguir pretende ser um guia para as igrejas que desejam tomar uma posição clara junto com a igreja de confissão Protestante a respeito da questão da tradução da Bíblia em Inglês, e que também desejam promover a utilização da versão mais fiel à disposição de cristão da língua Inglesa. Este pronunciamento poderia ser acrescentado aos documentos confessionais de uma igreja, ou como uma declaração política separada. Esta declaração só é sugestiva e pode ser modificada para atender cada contexto e situação particular da igreja.

1. Esta igreja confessa a sua fé na divina inspiração verbal e *na divina* preservação providencial dos textos originais em Hebraico e Grego da Sagrada Escritura. Estes textos originais, tendo sido mantidos puros em todas as eras por cuidado e providência especial de Deus, são a autêntica Palavra de Deus e a autoridade final em todas as questões de fé e prática.

2. No entanto, porque a maioria dos cristãos não é capaz de compreender as línguas originais da Bíblia e devem ler a Palavra de Deus em uma tradução em Inglês, e porque há tantas traduções inglesas de qualidade variável, é importante para a causa e unidade da verdade que esta igreja tome uma posição definitiva sobre a tradução da Bíblia e a versão em Inglês aceita para o uso da igreja.

3. Há dois fatores principais que entram ao se fazer uma tradução da Bíblia: a filosofia de tradução a ser empregada e a determinação do autêntico texto Hebraico e Grego a ser traduzido. Esta igreja acredita que a doutrina da inspiração verbal apela à filosofia da tradução por equivalência formal (em oposição à equivalência dinâmica), e que a doutrina da preservação providencial leva à aceitação dos textos recebidos tradicionais da Escritura, o texto Massorético no Antigo Testamento, e o *Textus Receptus* do Novo Testamento (em oposição aos textos críticos modernos).

4. Portanto, apenas as versões Inglesas da Bíblia que são baseadas nos textos tradicionais recebidos e são traduzidos de acordo com o método

equivalente formal, podem ser consideradas representações fiéis e de confiança da Palavra de Deus em Inglês.

5. A versão em Inglês que **melhor** atende a esses padrões de tradução é a Versão Autorizada (King James).

6. Portanto, a versão em Inglês aceita para o uso nesta igreja será a Versão Autorizada. Isto significa que, de todas as traduções em Inglês, somente a Versão Autorizada deve ser utilizada na leitura pública e ensino das Escrituras e em todos os serviços e ministérios da igreja. Além disso, todos os membros da igreja são convocados a utilizar a Versão Autorizada em suas casas e a trazer esta Bíblia aos serviços públicos e reuniões da igreja.

#### Anexo 4: Lista Com Sugestões de Leitura

- Burton, John William. *The Revision Revised*. Paradise, PA: Conservative Classics, Reimpressão.
- Dabney, Robert Lewis. “*The Doctrinal Various Readings of the New Testament Greek*”, e, “*The Revised Version of the New Testament*”. Em *Discussions of Robert Lewis Dabney*, Vol. 1, pp. 350-398. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1967. Primeira Publicação 1891.
- Hills, Edward F. *Believing Bible Study*. 3ª ed. Des Moines: The Christian Research Press, 1991.
- Hills, Edward F. *The King James Version Defended*. 4ª ed. Des Moines: The Christian Research Press, 1984.
- Letis, Theodore P. “*Edward Freer Hills’ Contribution to the Revival of the Ecclesiastical Text*”. *Jornal da Reconstrução Cristã* 12 (1989).
- Letis, Theodore P., ed. *The Majority Text: Essays and Reviews in the Continuing Debate*. Grand Rapids: Institute for Biblical Textual Studies, 1987.
- Martin, Robert P. *Accuracy of Translation and the New International Version*. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1989.
- Owen, John. *Of the Integrity and Purity of the Hebrew and Greek Text of Holy Scripture*. Em *The Works of John Owen*, Vol. 16, pp. 345-421. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1968. Primeira Publicação 1853.
- Owen, John. *The Divine Original, Authority, Self-Evidencing Light, and Power of the Scriptures*. Em *The Works of John Owen*, Vol. 16, pp. 295-343. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1968. Primeira Publicação 1853.
- Pickering, Wilbur N. *The Identity of the New Testament Text*. Ed. Rev. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1980.
- Turretin, Francis. *Institutes of Elenctic Theology*, Vol. 1, pp. 70-134. Trans. by George M. Giger. ed. by James T. Dennison, Jr. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1992.
- Van Bruggen, Jakob. *The Ancient Text of the New Testament*. Winnipeg: Premier Printing, Ltd., 1976.
- Van Bruggen, Jakob. *The Future of the Bible*. Nashville: Thomas Nelson Inc., 1978.↵

ENGLISH BIBLE TRANSLATIONS:  
By What Standard?  
William O. Einwechter (Th.M.)

*Tradução para o Português  
com Permissão do Autor e da Chapel Library  
por Pr Miguel Ângelo Luiz Maciel  
Fevereiro, 2016. Revisão 00.*